

Oferta  
-0. NOV. 1998

AVULSO

1. ESC.  
1.20

ANO III—N.º 127

21  
OUTUBRO  
1943



Nunca, como na hora actual, o Exército representou tão perfeitamente a imagem da Pátria! Nunca, como no momento que passa, ele reuniu em si, tão amplamente, os anseios de Portugal inteiro! Todos nós, portugueses, confiamos nele para a manutenção da segurança, integridade e independência de uma nação soberana, oito vezes secular! E podemos, na realidade, confiar. Se lhe gritarmos, inquietados pelos perigos mais imprevistos da guerra que podem perturbar a paz até dos povos que nada mais desejam do que viver em paz — que é preciso estar vigilante e alerta, não temos dúvida de que o Exército responderá, consciente da sua própria força: — Alerta está!

E é nessa sua vigilância e nessa sua força que deve estar toda a nossa confiança e toda a nossa fé!

(Foto Seródio)

Vida  
Mundial

**ILUSTRADA**  
Semanário gráfico de actualidades





**GENERAL COUCEIRO DE ALBUQUERQUE**  
Figura prestigiosa do nosso Exército, militar culto e sabedor, foi-lhe confiado o comando superior das manobras militares que se estão realizando no nosso país. São comandantes de divisão desse corpo de exército em exercícios os srs. brigadeiros Carvalho Teixeira e Sousa Betel e general Ernesto Machado, igualmente considerados como dos nossos oficiais mais distintos.



**AUGUSTO DA COSTA**  
Escritor cuja actividade intelectual se vem afirmando através de uma obra que começa a ser vasta, e cujos méritos encontraram a sua consagração no Prémio Ricardo Malheiro, que lhe foi atribuído pelo romance «As Inocentes», acaba de publicar mais uma obra: esta de profundo acento nacionalista, intitulada «Meridiano de Lisboa».



**RAIMUNDO VAISSIER**  
Distinto repórter fotográfico, verdadeiro artista dentro da sua profissão, trabalhou em vários jornais e revistas, onde em cada camarada soube conquistar sempre um amigo. Arrebatou-o agora a morte, apenas com 38 anos de idade, perda dolorosa que sentimos sinceramente.

# AQUI dentro NÓS



**DINIZ BORDALO PINHEIRO**  
Ilustre director do «Jornal do Comércio», cumprimentamo-lo bem efusivamente, como camaradas e como amigos, agora que o magnífico diário que dirige completou 70 anos de existência. Decano dos diários portugueses, o «Jornal do Comércio» pode ser considerado hoje, com inteira justiça, tanto pela sua ampla informação como pelo seu aspecto gráfico, como um dos mais modernos jornais do nosso país.

## Inventário & Balanço

### SERIEDADE E OPTIMISMO

**V**AI já corrido um mês desde que o Verão chegou a seu termo. E despechou-se, como nós costumamos dizer, «à francesa»... Quando lhe quisemos ver o último sorriso, já ele se tinha sumido, sem mais tir-te nem guar-te, depois das carrancas mal humoradas de um Setembro agreste e chuvoso. Depois, passou o equinócio. Estávamos já em pleno Outono de calendário — mas foi então que o Sol resolveu mostrar-se de novo em todo o seu apogeu ainda possível, nuns dias risinhos e felizes, que fizeram ainda iluminar-se de sorrisos ardentes todo o areal de praia que se estende jubilosamente ao longo da foz do Tejo. Mas esse foi — nem admira — Sol de pouca dura. E veio outra vez a carranca indecisa do tempo, com a máscara que lhe vai ficar, mais dia menos dia, por estes seis meses, até ao novo cruzamento da eclíptica com o equador.

Eis-nos, assim, com a certeza de se terem esgotado as últimas hipóteses de clarões estivais. Quere dizer: passa-se de uma estação para outra. E isto, que é um aspecto fundamental sob o ponto de vista, por assim dizer, astronómico, tem também o seu significado e as suas conseqüências de natureza social. Na verdade, é toda uma transformação de vida, de hábitos e até de obrigações que se opera, nas cidades e nos campos. Nestes, sabem por demais os homens da lavoura quantos deveres por cada ano têm de cumprir, numa monotonia de ritmo que é, apesar da sua dureza, a razão de ser e regra da sua vida.

Na cidade, é uma verdadeira multidão de coisas novas — velhas, afinal, de todos os anos... Mas as coisas novas, quasi sempre, são apenas novas outra vez, desenterradas do seu esquecimento. É a volta das férias — de quem as teve... — o regresso ao trabalho, a reabertura das escolas, o recobrar de iniciativas, os livros novos, as exposições de arte, os teatros e os cinemas, a última palavra das cascas de costura e o grito colorido do Chiado que retoma os seus direitos na escala das preocupações cívicas. É o retorno das obrigações e das futilidades.

Não vai o tempo de feição para que a matéria fútil assumia importância de maior no volume de peso da nossa vida, mas a necessidade de sermos severos na execução de quantos deveres nos incumbem não exclue a possibilidade de tentarmos polvilhar com certo perfume de espírito a dureza da tarefa que nos possa competir. Nem é preciso ter lido e aprendido toda a sabedoria dos velhos sábios da Grécia para termos a certeza de que o trabalho feito de vontade e com certo sentido de optimismo ganha em ligeireza e facilidade de execução. O tempo não vai propicio a brincadeiras, é certo. Mas o semblante sério não exclue — vamos lá! — um certo optimismo confiante.

**H**Á perto de quarenta anos a *Ilustração Portuguesa*, então dirigida pelo fino espírito de Carlos Malheiro Dias, fez um concurso para saber qual era a terra de mais lindas mulheres, em Portugal. Já mais próximo de nós, o *Diário de Notícias* tomou uma iniciativa semelhante. Pois não se chegaram a conclusões seguras. Além de que, quem feio ama bonito lhe parece, como diz o velho ditado, portuguesas bonitas há-as, felizmente, em muitas terras. As moças de Viana e de Barcelos; as barqueiras de Avintes; as tricanas de Aveiro e Coimbra; as mulheres de Leiria e de Vieira; as varinas lisboetas; as algarvias de São Braz — para só falar, neste momento, de alguns tipos populares mais conhecidos — têm fama, não apenas pela graciosa finura das suas feições, mas pela desenvolta elegância das suas linhas. Eça de Queiroz desceu, neste capítulo, a pormenores valiosos, ainda que desconcertantes para a pretendida criação duma beleza unica, oficial. Dizia elle: «Para olhos pretos — Guimarães; para tranças fartas — Arco de Val-de-Vez; para cinturas finas — Viana do Castelo; para boas peles — Antares.» Por aqui se vê que é difícil estabelecer se há critério de preferência. Em resumo: as mulheres, como os biscoitos, quanto mais sortidas — melhor.



**DR. REINALDO DOS SANTOS**  
Professor eminente e director da Faculdade de Medicina de Lisboa, foi-lhe confiada recentemente, pelas suas altas qualidades de saber e de prestígio, a honrosa missão de ir a Espanha tratar da reorganização dos Congressos Portugueses de Urologia.



**DR. TAVARES DE ALMEIDA**  
Chefe dos Serviços de Informação e Imprensa do Secretariado da Propaganda Nacional, funcionário superior que goza no nosso meio jornalístico de merecidas simpatias e justo apreço, foi agora nomeado vogal efectivo da Junta Autónoma das Estradas, em substituição do dr. José de Ataíde



**COMEÇA** agora, oficialmente, nos teatros, a chamada «temporada de inverno». Que nos irão dar os nossos teatros durante os meses que se aproximam? Noutros tempos, por esta época, as empresas davam a conhecer os seus programas em relação às peças e aos interpretes. Tudo era delineado e previsto. Agora, não. Pouco ou nada se sabe. A capa de Arlequin envolve o mais incerto dos mistérios. O coturno grego calça o mais imponderável dos fantasmas. A única coisa que se pode prever — é o imprevisito.



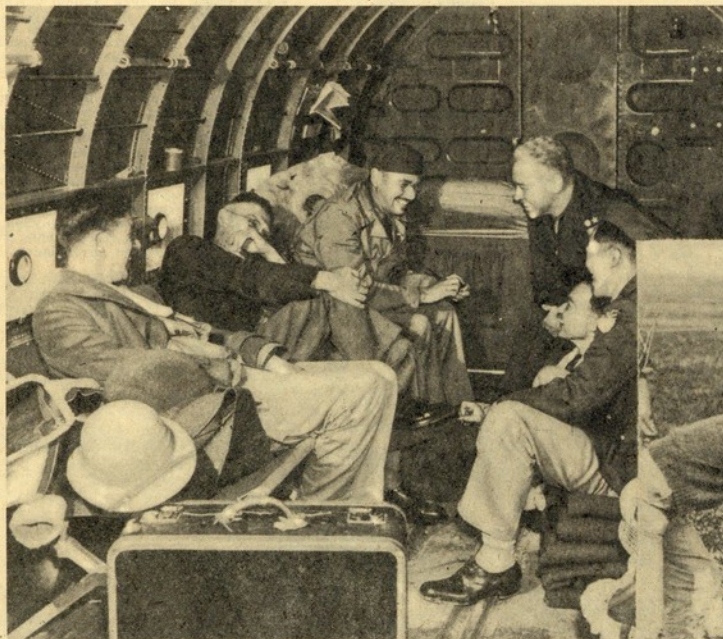
**Vida Mundial**  
Publica-se todas as Quintas-Feiras  
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69. 2.º — LISBOA  
TELEFONE: 2 5 8 4 4





# À RODA DA TERRA...

Não foi só a princesa de Piemonte que se refugiu na Suíça: a filha do mariscal Badoglio, marquesa Maria Altoviti Avila, que vemos à direita da foto, e sua nora, a condessa Anna Lili Badoglio, viúva do capitão-aviador Paolo Badoglio, morto na Cirenaica — também procuram a paz neutral de Lausana, onde foram surpreendidas a passear.



O jornalismo moderno faz-se assim, a bordo de um avião. Aqui está o general Stilwell, o segundo a partir da esquerda, a dar uma entrevista a um correspondente de guerra, durante um voo de inspeção. Stilwell é comandante americano no Extremo Oriente.

Eis a primeira lição de agricultura oferecida a algumas das 735 crianças regressadas a Rehovoth, velha colônia da Judéia, em Fevereiro de 1943. São pequenos judeus fugidos da Polónia para a Rússia e passados para o Teherão, onde foram reunidos num campo de concentração. Finalmente, regressaram agora à sua pátria espiritual — a Palestina — onde vão recomeçar a vida.



A luta na frente Leste tem exigências de toda a ordem. Por exemplo, reclama «combóios» infatigáveis de fardos de palha, que servirá de cama para os soldados alemães.



Na frente da Carélia, onde os soldados finlandeses mantêm certo fogo de luta, a guerra dá-nos destes interiores, magníficos como qualquer ângulo de um plano cinematográfico. Num momento de espera, os soldados, abrigados numa casa rústica, passam o tempo como podem.



# A AMÉRICA educa a sua juventude

Por LUÍS AREOSA

**T**ÓDAS as forças, materiais e espirituais da América, convergem para dois fins: ganhar a guerra e erguer um mundo melhor no futuro.

Dentro desta idéia, imediatamente traçada após a entrada dos Estados Unidos na guerra, as Universidades e Faculdades deste país, têm empregado os seus mais valiosos esforços para cumprir uma das partes capitais do esforço de guerra da América. A designação «Guerra total» tem, no Novo Mundo, um significado mais amplo que apenas todas as forças materiais. É uma guerra caracterizada por uma intensa actividade militar em todas as frentes e a chamada para a luta com todas as armas.

A actividade das Universidades americanas pode classificar-se em dois campos: o das pesquisas e o da preparação de efectivos para a guerra.

As capacidades científicas da nação têm sido descobertas, desenvolvidas e estimuladas, sob a orientação da Repartição de Estudos e Desenvolvimentos Científicos, recentemente criada pelo Governo dos Estados Unidos.

Nesta luta, tão árdua e longa, cada cidadão americano, sob todas as condições de combate, terá sempre o orgulho de lutar com as armas mais modernas. A capacidade técnica e os conhecimentos dos engenheiros e homens de ciência, têm sido hábilmente conduzidos sob a orientação destes serviços.

Seguidamente à entrada da América na guerra, toda a actividade universitária entrou num ritmo diferente, acelerando-se a educação da juventude americana em todos os cursos. Em todas as actividades escolares, desde o ramo mais espiritual ao mais técnico e frio, há uma idéa fixa numa alma nova a criar.

Apaixonadamente, cada parcela do coração da mãe-pátria, cada esperança de amanhã, iniciou o maior movimento de renovação cultural da História. Em certos cursos, como os de medicina, odontologia, farmácia e engenharia, o ritmo acelerado com que são elaborados é amplamente compensado pela imediata aplicação prática, em grande escala; sobre uma vida que se apaga, debruça-se uma vida nova que entrega todos os recursos da ciência e o seu coração.

Todas as mães da América sabem que nas horas mais tristes, vividas pelos seus filhos, longe do seu amparo e do seu carinho, eles encontrarão além dos recursos técnicos, todo o carinho e humanidade que enche o coração dos médicos americanos de amanhã. É tarefa das Universidades dos Estados Unidos conceber e realizar um plano para a paz, baseado nos altos princípios da justiça e humanidade, não esquecendo que o ensino superior é indispensável para a educação do homem livre num mundo livre.

Por me parecerem muito claras e de boa-fé as palavras de John W. Studebaker, director geral da Educação, passo a traduzi-las: «Os Estados Unidos não cumprirão somente a sua parte na presente revolução mundial pelo uso da sua potência militar e naval. A nossa quota parte no estabelecimento de um mundo novo e melhor será tanto espiritual como material.

A guerra pode remover certos obstáculos para a obtenção desse mundo melhor.

Estou confiante que as nossas Universidades, neste momento, não faltarão ao cumprimento de uma parte da tarefa, não unicamente para a vitória mas, também, para a formação de um mundo melhor.

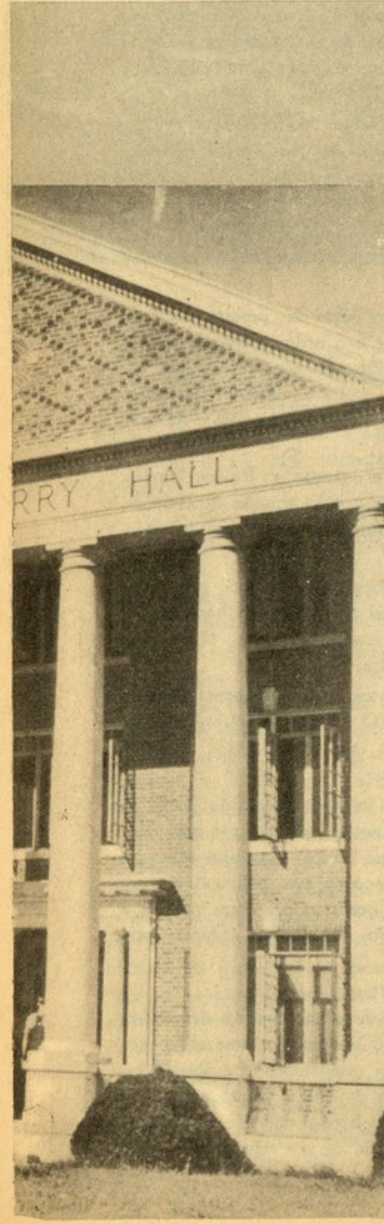
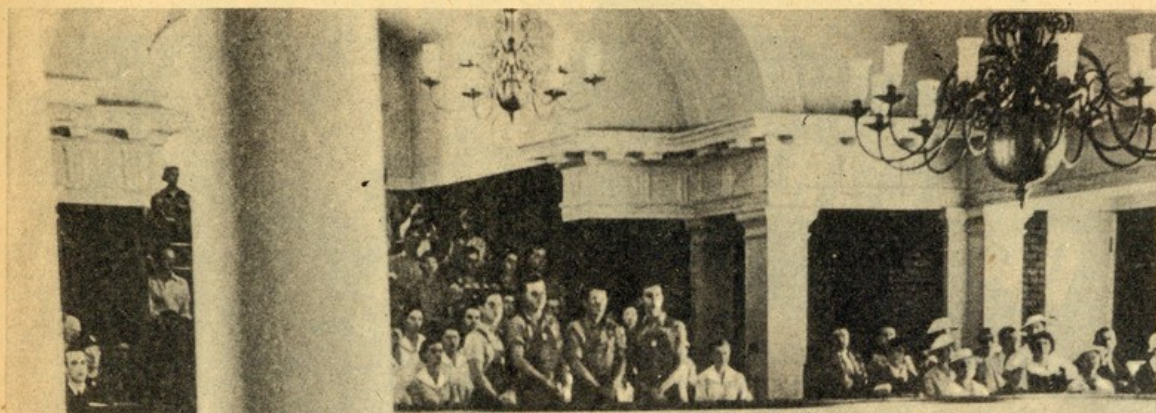
Simultaneamente, as escolas elementares americanas não interrompem os cursos regulares para a educação da juventude do país.

Nenhum exemplo melhor se poderia encontrar, da educação prática, do que a história do Colégio Berry, na Georgia. Foi fundada por uma mulher de bom coração e inteligente, Miss Martha Berry. Como estímulo da sua iniciativa levava a idéa firme de combater e aniquilar a pobreza e a falta de educação nas montanhas do seu Estado natal. Além duma educação prática, o seu interesse e actividade têm oferecido oportunidade a mais de 10.000 rapazes e raparigas.

Nomes como de Miss Berry e de tantos outros indivíduos de génio, se não tem por eles a Imprensa, o livro, o prémio de qualquer academia notável, são, no entanto, merecedores de serem considerados e postos na devida altura da escala de valores do mundo culto.

A iniciativa desta escola pertence a um espírito invulgar. O seu primeiro edificio escolar foi uma simples chabana. Hoje tem 60 edificios rodeados por florestas e campos agrícolas. Em 1942 o seu coração bondoso deixou de acompanhar tantos outros cheios de esperança na luta pela sua pátria. Assim desapareceu do mundo um incansável espirito de combate, que lutou e venceu pelo seu próprio esforço e com a ajuda financeira de algumas individualidades humanas como ela.

A terra guarda as sementes do seu esforço, as florestas guardam com a sua sombra a tranquilidade à volta desta obra forte de personalidade. Nos campos, os braços da nova juventude americana ligam a vida de espirito à matéria.



Estas fotos constituem as mais sugestivas legendas da obra admirável da educação da juventude na América do Norte. Mostram-nos, através das suas belas imagens, a actividade educativa da Escola Berry, uma organização de ensino que nos Estados Unidos é hoje uma verdadeira instituição. Mais do que isso — um modelo de educação que constitui motivo de orgulho para esse país e um animador exemplo para todos os outros.

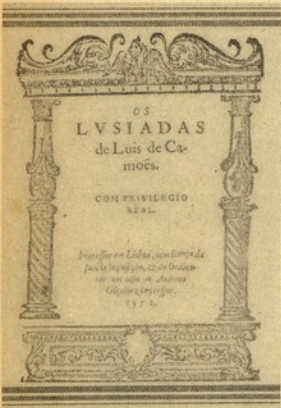




# O Brasil

## CANTO DE CISNE DE STEFAN ZWEIG

POR CORREIA DA COSTA



**Q**UE estranho fulgor, que fluído de humanidade irradia da obra de Stefan Zweig! Poucos escritores possuem, como este estranho espírito, uma ligação psicológica tão imediata e tão intensa com a vida interior das grandes figuras da humanidade; por isso na sua obra a introspecção dos figurantes e a sua projeção exterior se dão as mãos tão amplamente, e comunicaram às suas esculturas verbais um poder tão forte e tão avassalante!

De posse duma cultura responsável, Stefan Zweig, formado em letras e em filosofia, debruçado desde o começo da sua carreira nos grandes dramas da história, pode considerar-se o criador das biografias reais e, ao lado de Maurois e de Ludwig, criou a retrospectiva e a realidade flagrante duma vida que se viveu, duma figura

que tumultou e agitou o seu tempo, duma época que revive após amorfeada lembrança.

Assim nasceram as pinturas murais, os painéis agitados, as tapeçarias de Pastrana, dos seus conflitos da história, a história que na sua psicose é uma janela de alma aberta para a verdade, para a luta heróica e para o drama que transfigura os homens no cenário da existência.

Amou, viveu, viajou, criou no seu espírito o itinerário dum peregrino em busca de alguma coisa de novo. No seu alforge começaram então a aparecer os seus livros fundamentais, a «Maria Antônia», o «Fernão de Magalhães», o «Calvino», o «Américo Vespúcio» e o seu volume a aparecer, *Balzac*, escrito em vinte e cinco anos, e que é um mundo inteiro de alma constricta e de conflito interior, o livro dum homem que sabe admirar, sobre um dos maiores espíritos da humanidade, essa espécie de Shakespeare do romance francês que ninguém ainda igualou e pôde igualar no contrastante século XIX.

No desejo mais ardente de Zweig existia um sonho de arte, acalentado e sentido, um sonho que era como a rosa azul das lendas orientais, o livro cuja realização se adia, o livro que na memória é sonho e realidade consciente, o livro onde se espera pôr toda a labareda duma realização integral.

Esse livro era um «Camões» de maravilhosa biografia e de interpretação universalista.

Camões, super-homem da Renascença, o poeta das descobertas e do Oceano, o nauta e o guerreiro, o estudante e o aedo, o descobridor da lingua lusitana, seria, na prosa de Stefan Zweig, certamente, iniludivelmente, o volume em que Portugal dava a volta ao mundo, debruçado para a aurora da Renascença, que os olhos dos portugueses e de Luiz Vaz viram pela vez prima.

Não podendo, devido à tragédia do seu suicídio no Rio de Janeiro, onde lhe fizeram funerais nacionais, iniciar a vida agitada de Camões, deixou-nos, no entanto, em legado espiritual, o seu canto de cisne, «O Brasil, país do futuro».

O Brasil, a terra de Santa Cruz, descoberta e encontrada por Pedro Alvares Cabral, esse super-homem que deu à Renascença horizontes e paisagens novas e novos caminhos para o futuro, tem neste volume uma nobre exaltação e um alto sentido de justiça.

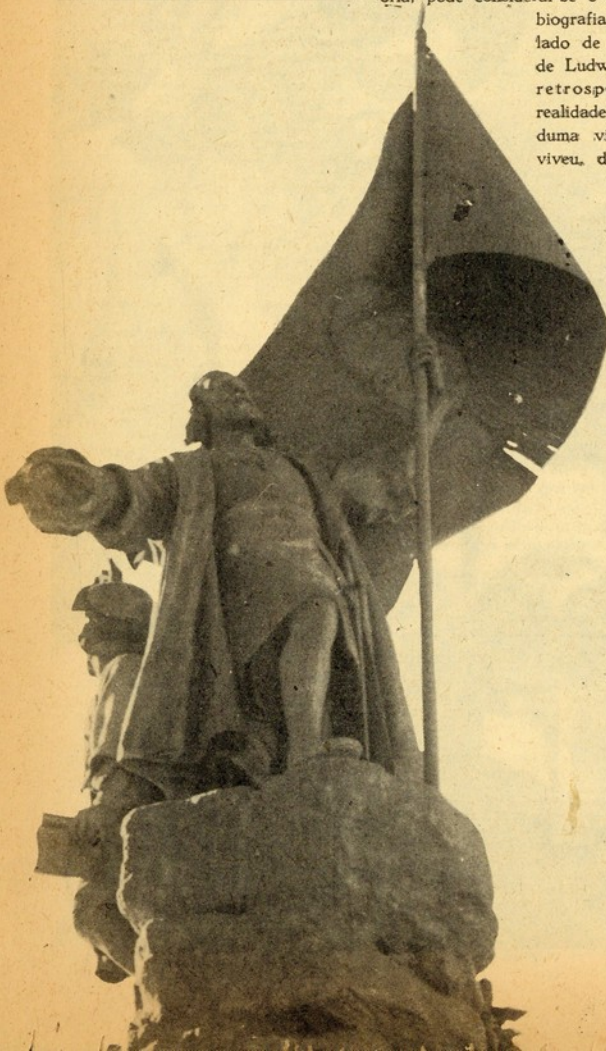
Pero Vaz de Caminha, «cidadão do Pôrto», como lhe chama o ilustre historiador dr. Jaime Cortesão, escreveu a D. Manuel a célebre epistola do achamento do Brasil, nesta linguagem maravilhosa, hoje a lingua comum dos dois impérios irmãos:

— «Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais conta ao sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós dêste pósto houvessemos visto, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco légoas por costa. Tem ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chá e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chá e muito formosas».

Reza assim a certidão de baptismo do Império irmão,

Síntese maravilhosa da história da terra brasileira desde a descoberta até à República e ao interregno de Getúlio Vargas, a colonização portuguesa, o domínio holandês, o império, a proclamação da República, o intercâmbio espiritual com a terra mater de que a lingua é garantia imorredoiira, o «Canto de cisne», de Stefan Zweig, sobre o Brasil, tem a grandeza dum poema e a simetria, a dignidade e a reabilitação dum autêntico livro de história sintética e superior.

Que estranho resumo! Dir-se-ia que todo o Império por nós des-







coberto revive e resplandece, tumultua e se agita nas páginas super-humanas da sua «petite histoire» à Lenôtre.

A morte, que rondava em sua volta, como a intrusa de Maeterlinck, beijou com um beijo letal a sua fronte inspirada, a sua alma em labirinto libertador, o seu sópro fenecente nas paisagens brasileiras saudosas de Gauguin.

Assim a morte, o esquecimento eterno, esculpiu a sua própria obra, deu-lhe a atitude e a eternidade dum bronze etrusco, dum mármore romano, numa alegoria à Bourdelle. Na herança, no espólio de todo o seu deslumbramento imaginativo, o Brasil foi, de facto, uma certeza eterna e um canto de cisne perturbantíssimo, um adeus de alguém para o passado.

Stefan Zweig, adentro da sua enorme bibliografia de historiador, de poeta, de romancista, de ensaísta, de novelista, de filósofo, de «clerc» completo, deu-nos duas grandes certezas lusitanas: Fernão de Magalhães e o Brasil. Faltou-lhe a vida de Luiz de Camões. Mas nós imaginamos, pela sua obra publicada, o que seria o seu «Camões» e a internacionalização, o renome universal que ainda mais o seu nome de lírico e épico teriam em todos os recantos do mundo, traduzido e compreendido em todas as línguas do universo. Mas ficou-nos, em último alento, o seu «Brasil, país de futuro», projecção surpreendente de hoje para amanhã.

Esta outra continentalidade, que nós descobrimos em boa hora e que evoluiu, se engrandeceu e firmou a sua maioridade com a independência em 1822, criou uma nova consciência lusiada e «he mais gentil gente», a mais gentil gente de que falava, em 1513, Martim Afonso de Sousa por ocasião da sua chegada ao Rio de Janeiro e que hoje guarda como um ex-voto eterno o exemplar do poema da nação que foi pertença do poeta da raça.

Portugal e o Brasil são duas lembranças, duas soidades separadas pelo Atlântico, êsse pano de Arraz em azul e verde ferrête das nossas descobertas, bordado pelas mãos magas do heroísmo luso, mas tendo a uni-las além da língua comum, a certeza e a eternidade do poema-mor da nossa Renascença: *Os Lusíadas*.

## VEM AI O INVERNO... ADEUS BELOS JARDINS FLORIDOS!

**V**EM ai o Inverno — a estação linda dos poetas, da gente rica, da gente que pode rir e criar a silusão do sol doirado dos campos e das praias. Mas os pequeninos, gente miúda que não sabe compreender os transe dolorosos da Natureza — êsses sofrem, porque não terão mais flores nos canteiros dos jardins e a terra empapada das alamedas não os deixa correr sobre o relvado fresco e aveludado. Eles, os pequeninos, dizem agora adeus aos belos jardins floridos — até à volta, daqui a meses seremos todos felizes! — e nos canteiros cerram as flores as corolas friorentas. Também eles, os mais pequeninos — como esta pequena Filipa Maria de Castro Pereira Ulrich — já vestiram as primeiras lãzinhas e dizem adeus ao Jardim da Estrêla, seu refúgio e companheiro de brinquedos, pelas manhãs estivais.

O Jorge, porém — aqui ao lado, de grandes caracóis na testa — já está a espereitar a Primavera próxima. Não é verdade que há expectativa, no seu rostozinho lindo?



## A ESCRITA MIMICA REGISTRADA

Por CLOTILDE RANDI

**O**S movimentos diversos que acompanham a palavra, ou que exprimem muitas vezes sós, os sentimentos, constituem o que se chama a *mímica*. É uma verdadeira linguagem extremamente eloquente, que traduz os sentimentos mais complexos, com mais clareza por vezes do que a palavra.

A *mímica* foi metódicamente estudada por Lavater, Delestre, del Saste, Dr. Favre, Hartenberg, Dr. Leon Vannier, etc. Sabemos bem o valor das nossas expressões e atitudes, elas são reveladores iminentes das faculdades intelectuais.

Diz Charles Michel «A Habilidade da mão não é mais do que a habilidade cerebral. Logo que se fala da mão adestrada do cirurgião ou do violinista, esquece-se que este adestramento manual é um fenómeno intelectual. A mão não é mais do que um aparelho obediente. Um grande violinista, um grande cirurgião são destros pelo seu cérebro».

Vejamos agora quais são as relações que podem existir entre os elementos que constituem a escrita, e a *mímica*.

Observemos duas pessoas discutindo.

Os gestos são inúmeros e variados, mas que se repetem duma forma sorprendente. Se procurarmos representar por linhas os movimentos que formam no espaço, poderemos obter uma espécie de esquema onde encontraremos traços direitos, traços angulares e circulares. Esses traços têm uma largura, uma direcção, uma velocidade e um vigor.

Se desenharmos no papel êsses movimentos traçados no espaço, encontraremos os elementos da escrita.

A combinação das curvas elíticas circulares ou traços parabólicos, com os traços direitos, permitem obter todos os traços gráficos imagináveis. Ora, êstes elementos são a representação esquemática do gesto, e o gesto é um movimento expressivo, habitualmente espontâneo, sempre um extraordinário revelador das nossas emoções.

É nesta correlação entre o gesto e a escrita que se baseia a grafologia. Assim, o gesto espontâneo, expressão natural de todos os instintos, torna-se a pouco e pouco automático e revelador de todos os instintos humanos.

O gesto gráfico é uma *mímica* sintetizada, planificada, isto é, traçada sobre uma superfície horizontal, em vez de executada no espaço.

Como a *mímica* corporal, tem o seu ritmo rápido, lento, pausado, etc. Apresenta traços circulares angulosos. Tem uma direcção, ora oblíqua, ora descendente, ascendente.

Mas evidentemente que está sujeita a certas disciplinas e condições.

A escrita presta-se em absoluto ao registro das disposições e exteriorizações afectivas e activas da alma humana, não de forma arbitrária e fantasista, mas obedecendo a leis estudadas.

A *mímica* gráfica tem uma vantagem sobre a fisionómica.

Fica inscrita, registrada, podendo-se estudar minuciosamente, escarpelizar todas as suas expressões, conservando-se durante anos, durante séculos, mesmo durante milhares de anos...

### CONSULTÓRIO — RESPOSTAS

43 — Furiel Bera — Pensamento dominante: evidenciar-se, tornar-se notado. É um pretensioso agressivo quando molestado na sua vaidade.

44 — Senop — Carácter forte, enérgico, sabendo o que quer. A dureza que por vezes manifesta é exterior, motivada por reacções de momento. No íntimo é sensível e afectivo.

45 — Matuto — Não! O pseudónimo não está adequado! É boa pessoa e de mentalidade equilibrada, áparte uma certa impaciência muitas vezes não justificada.

46 — Socas — Nervosismo extremo, espirito insatisfeito e indisciplinado.

47 — Morita — Agressividade, vaidade, pretensão, e bastante esperteza!

48 — Dr. Mabuse — Carácter detestável sobre todos os aspectos.

49 — Flor síngua — Temperamento doce, sonhador, sincero e dedicado.

50 — Sava — Espírito pequenino, preconceituoso, vulgar.

51 — O Senhor Madalena (C. Maior) — Inteligência razoável, com uma certa plasticidade. Teimosia levada ao exagero. Não desiste das suas ideias.

52 — Sótus — Vaidade, muita vaidade! Mas é boa pessoa e bastante inteligente.



# CALÇADA DA GLÓRIA

## NOTA A ABRIR

COMO dizia aquêlo ameno Zé Fernandes, inseparável de Jacinto, — na cidade tudo isola e separa o homem da Natureza. Não vamos mais longe. A faiscante alegria do amanhecer, a clara luz do meio-dia, a tranqüillidade imensa do crepúsculo, são coisas que o homem da cidade — em geral desconhece. Na cidade raramente se olha o céu, a não ser de relance — para o interrogar se virá chuva. O sol, o luar, as estrelas, interessam, cientificamente, o astrónomo e podem interessar, liricamente, o poeta — mas não interessam mais ninguém. Pena é que assim seja, porque o convívio da Natureza constitue uma profunda e saudável lição.

Quando estou, em plena serra, assisto, por exemplo, com frequência, ao pôr do sol. Da janela onde me debruço abrem-se-me, diante dos olhos, as perspectivas dum horizonte amplo e variado. São olivais, vinhas, hortejos, campos de milho, manchas brancas de povoados, anti-teatros de outeiros hirsutos de pinhais bravios, recôncavos tranqüillos onde espreitam casais, e, ao fundo, a sombra sinuosa da serra distante por detrás da qual o sol se esconde. Detenho-me, às vezes, sobre a imensa concha verde-negra que o meu olhar domina, até que o sol desaparece, num último clarão, e a neblina cinzenta, que dir-se-ia descer do próprio céu, se adensa sobre a terra, envolvendo, apagando, confundindo tudo — árvores e colinas, povoados e hortejos. Passam os últimos trabalhadores. Recolhem os últimos gados. Começa a subir o fumo dos casais. Num velho sino, soam Trindades. E a hora elegiaca do crepúsculo. Não falta quem diga que não há hora mais triste que a do entardecer. Talvez. Mas nenhuma há também mais reflexiva. Contemplando a Natureza que se prepara para o seu habitual sono reparador com a tranqüillidade de consciência de quem cumpre, em cada dia que passa, o seu dever luminoso e fecundo, não podemos deixar de pensar na obra, por vezes tão desruídora, do homem que da Natureza colhe os frutos — e, raramente, as lições.

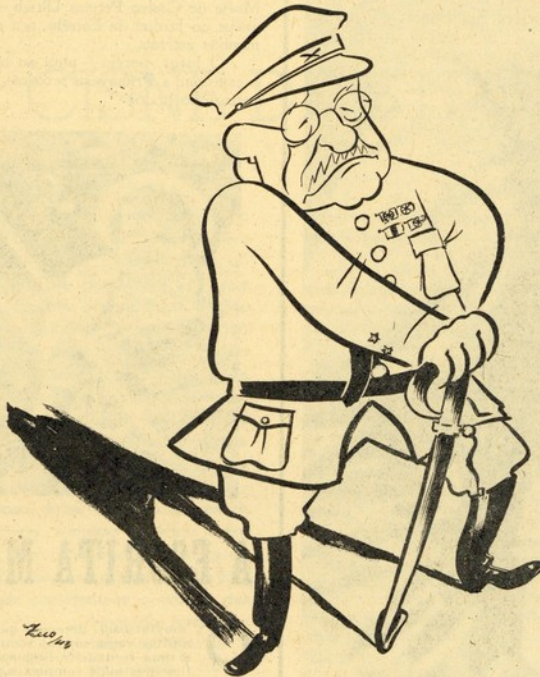
## AIRES DE GOUVEIA E O AMOR

Um dia passeava Cândido de Figueiredo, ainda estudante de Direito, no Largo da Feira, em Coimbra, quando, de repente, surgiu o célebre Aires de Gouveia, espartilhado na sua impecável sobrecasaca, em cuja lapela ardia uma grande rosa escarlate.

— Então que se faz, senhor Figueiredo? — perguntou o lente. — Passeia ou namora?

— Passeio, senhor doutor.  
— Pois namore, meu amigo. Lembre-se que o amor é como o vinho: de Verão refresca, e, de Inverno aquece. Até amanhã.

## NORTON DE MATOS



Tem de há muito o perfil traçado  
Por um poeta, de óculos, esguio,  
Que em verso d'ouro, um dia, o definiu,  
E, no fundo, não está mal apanhado:

Perfil de lírias fortes. Bem vincado.  
Rigidez e vontade. Calmo e frio.  
Concentração — e um ar talvez sombrio.  
O apurmo dum chefe na farda dum soldado.

A guerra! Angola! Eternas discussões,  
Na paz, como na guerra, as intenções  
Nem sempre a vê a Dona Inocência...

Silêncio! Ele aí vem. Ar aguerrido.  
Levanto a pena e brado. Brado em sentido:  
— As armas, general! Como está Bóscência?

E Aires de Gouveia retomou o seu caminho.

## O ABSOLUTISMO

— O quê? — dizia uma vez D. João V ao marquês de Ponte Lima que lhe fizera uma leve restrição aos limites do poder real. — Então se eu te mandasse atirar ao mar tu não te atiravas imediatamente?

O marquês não retorquiu, pegou na capa e no chapéu, fez uma vénia e dispunha-se a sair quando o rei lhe perguntou, vagamente atônito:

— Onde vais com tanta pressa?

Imediatamente o marquês: — Vou aprender a nadar, real senhor!

## EXPEDIENTE

E já que falámos em marqueses, vejamos esta pequena história do marquês de Angeja.

Uma tarde, Angeja entrou no Martinho e pediu uma caneca de cerveja. Trouxeram-lha, chegou-a aos lábios, franziu o nariz e disse ao criado:

— Traz-me outra, que esta não presta.

Veio outra.  
— Esta sim, agrada-me.

Tomou-a gólo a gólo, entreteve-se a conversar com dois ou três amigos que apareceram, e preparava-se para sair quando o criado titubeou:

— Peço desculpa, senhor marquês, mas V. Ex.<sup>a</sup> esqueceu-se de pagar a cerveja...

— Eu não a bebi...

— A segunda, senhor marquês...

— A segunda? Mas a segunda foi em troca da primeira.

— Tem razão, senhor marquês — disse o criado pálido de vergonha.

— Queira V. Ex.<sup>a</sup> desculpar...

## LITERATURA E COZINHA

A propósito duma destas páginas — aquela em que procurávamos revelar o apetite de alguns dos nossos escritores — escreve-nos uma senhora perguntando-nos se, como se afirma, há homens de letras que sabem cozinhar. Então não há! Dos vivos conheço, pelo menos um, que é um cozinheiro excelente: Francisco Lage. Dos falecidos só lhe digo isto, minha ilustre desconhecida: ainda ninguém assou lebrões no espêto como Buião Pato; fritou ovos como Júlio César Machado; fez salada de lagosta como Luciano Cordeiro — e realizou com uma simples batata um milagre de sonho como Ramalho Ortigão! De resto, o que é a literatura — se não uma forma da cozinha?

## CONTOS

A Livraria *Latina*, do Pôrto, acaba de abrir um novo concurso literário destinado a premiar com três contos — um livro de contos. Registemos a iniciativa, ainda que, devendo ter um volume pelo menos cinco contos, possamos perguntar:

— Será bom negócio dar, por exemplo, cinco contos — para receber três?

## TOURADAS

Há quem diga que ressurgiu o gosto pelas touradas. Não sabemos. O que sabemos é que muito boa gente desejaria gritar como D. Miguel — naquela tarde em que, numa das salas do paço da Bemposta, êle matou um touro enorme:

— Morreu boi! Haja vaca para o povo!

## MUDANÇA DE CASA

A «Vida Mundial Ilustrada» passou do Chiado para a rua da Emenda. A «Calçada da Glória» desemboca agora no Calhariz. Creio que é a maior transformação por que Lisboa tem passado — desde o terramoto...

## AMABILIDADE

O «Diário de Notícias» trazia, há pouco o seguinte anúncio: «Ao sr. gatuno que roubou uma mala com roupas na Estação do Rossio pede-se o favor de a entregar na rua tal... onde se gratificará bem». Não se pode exigir mais amabilidade. *A tout seigneur toute honneur!*

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



O «Amor de Perdição», visto à luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas idéias celeradas que chegam a tocar no desafôro do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, afim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o «Amor de Perdição» fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnização, faz rir: tornou-se cómico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do padre Teodoro de Almeida.

«E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vingando-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos alfojarava com lágrimas românticas».

Tais são as palavras com que Camilo Castelo Branco, no prefácio da 5.ª edição do seu romance, dezóito anos volvidos sobre «os quinze atormentados dias» em que os escreveu, comenta ironicamente a obra «cujo êxito se lhe antolhava mau». Nas reflexões do torturado de Seide não há apenas o travo de azedume e da mordacidade que faziam da sua pena um ferro de cauterizar, mas compreensível hostilidade em face da corrente realista, que se desenhava então, com desenvoltura e audácia...

E concluía, mais adiante, com estas frases proféticas, ditadas pela convicção de que o romantismo não poderia morrer:

«Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regosije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica e esta 5.ª edição do «Amor de Perdição», quasi esgotada».

Por milagre do cinema — metempsicose do nosso século — a profecia cumpriu-se, antes do prazo. E nos olhos da multidão, com a sensibilidade embotada pelas grandes catástrofes e pela mais cruenta guerra de todos os tempos, afloram, outra vez, sinceras e irreprimíveis, lágrimas de comiserção pelo trágico infortúnio de Simão e de Teresa e das outras desvaídas gentes, arrastadas no torvelinho dos seus destinos.

\* \* \*

Há muitos anos que os nossos cineastas pensavam em transportar para a tela o romance de Camilo. Que nos lembre, Leitão de Barros, Brum do Canto e Chianca de Garcia chegaram a trabalhar nos respectivos guións. Cada um o encarava sob determinado aspecto. E todos apregoavam com entusiasmo «estar ali o grande assunto do cinema português». E, no entanto, os anos decorreram e o «Amor de Perdição» não se fez! A auto-crítica de Camilo, agravada pelo positivismo e pela frivolidade dos nossos dias, traduzia em parte os seus receios. É certo que «O Monte dos Vendavais», «A Dama das Camélias» e o próprio «Gone with the Wind», de recorte romântico, apaixonavam as multidões. Mas poderia o nosso País utilizar os recursos com que Hollywood «impunha» as histórias de outros tempos?

Louvemos, antes de mais nada, a audácia com que Lopes Ribeiro enfrentou a situação. Audácia que não quer dizer inconsciência ou leviandade. Antes a firme determinação de estudar a fundo o problema e de resolvê-lo dentro das possibilidades nacionais. O «Amor de Perdição» que está a correr no Trindade é, acima de tudo, um espectáculo sério, honesto, que se impõe pelas próprias qualidades, feito com um desejo transparente de acertar, de progredir, de «sair» bem, com sacrifício até dum orçamento que não fugiu a despesas e que não quis buscar, por êsse processo, uma maior margem de lucros.

E, pôsto isto, rendidas as homenagens ao esforço, à sinceridade e ao labor de António Lopes Ribeiro e até, dum modo geral, ao trabalho, por vezes, magnífico da equipa, responsável pelo bom resultado geral, sentimo-nos à vontade para bordar algumas considerações, que não têm o propósito de denegrir qualidades, mas de expor simplesmente algumas idéias pessoais.

\* \* \*

António Lopes Ribeiro, ao contrário dos outros cineastas que primeiro encararam a possibilidade de verter em imagens «O Amor de Perdição», subordinou-se inteiramente às páginas do

# Amor de Perdição

## ROMANCE E FILME

POR FERNANDO FRAGOSO

romance. «A rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enredo, a ausência de divagações filosóficas» favoreciam o critério de tomar o romance como o ponto de partida do guião, tornados os capítulos em seqüência, a dividir depois em planos. Além disso, conhecida a popularidade da obra, o público ficaria desolado se sentisse «cortes» ou omissões, ou se os factos se passassem de forma menos exacta à descrita no romance.

Por mim, em teoria, vi sempre no «Amor de Perdição» de Camilo a sugestão admirável para um filme baseado nos amores infelizes de Simão e Teresa — um filme violento, brutal, de arestas vivas, onde o amor e ódio tivessem a grandeza da procela desencadeada sobre as águas do mar, e em que os namorados fossem as náus que os elementos em fúria afastassem teimosamente do seu destino.

No entanto, se me fosse cometido o encargo de produzir «O Amor de Perdição», talvez abandonasse êstes sonhos, para seguir o caminho que Lopes Ribeiro escolheu, mais consentâneo com o respeito pela obra do Mestre, mais fácil junto do grande público, embora mais difícil de «defender» sob o ponto de vista espectacular.

Não serei eu, portanto, que censurarei a Lopes Ribeiro a subordinação ao texto camiliano, como orientação geral do seu trabalho. O que não quer dizer que concorde, inteiramente, com a forma como essa subordinação foi executada.

Podem dizer-me que a popularidade da história, e o facto da acção da mesma estar presente na memória dos espectadores, dispensava, por exemplo, que se curasse de melhor definir as personagens e dar mais nitida expressão ao ódio, entre os Botelhos e os Albuquerque, fulcro essencial da acção. Mas a verdade é que quem não tiver lido o romance, não compreenderá o recorte psicológico de certas figuras, como, por exemplo, as de D. Rita Preciosa e até a de Domingos Botelho. E o trabalho de Assis Pacheco ressentiu-se, assim, perante o público, que nem sempre viu nêlo o *Brocas*, o «Dr. Bexiga», «alcancadíssimo de inteligência», tendo como única recomendação o título de o «primeiro flautista do seu tempo»...

Por um lado, há omissões que prejudicam a clareza dos factos — por outro, pormenorizações que comprometem o equilíbrio da própria acção.

Citemos entre as primeiras, as razões justificativas do baile do aniversário, que aparece inesperada e incompreensivelmente, como seqüência, da primeira cena violenta entre Teresa e o seu Pai. Mais importante, no entanto, se nos afigura a ausência total do termo e puro idílio entre os namorados. Quem vir o filme, quasi se convencerá de que os dois amantes nunca se encontraram — a não ser uma vez à janela, e outra junto às grades dum portão. E, no entanto, no romance, podemos ler: «Este amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se três meses, sem darem rebate à vizinhança, e nem sequer suspeitas às duas famílias». E é pena que Lopes Ribeiro não haja traduzido em imagens o casto noi-

vado. No filme, não há amor — mas apenas perdição... E, no entanto, uma hábil versão destes três meses de afecto sobressaltado — teria explicado a paixão fatal e permitida, até — quem sabe? — imprimir ao filme o ambiente romântico que nem sempre transparece das imagens.

No capítulo de pormenorizações excessivas, apontamos, entre outras, aquela passagem em que Domingos Botelho «enfia os calções às avessas». A estafada situação de farsa grosseira aparece, logo em seguida, a anular os efeitos de um dos momentos mais emocionantes e mais bellos do filme: a morte de Baltazar Coutinho — nas escadarias do convento.

\* \* \*

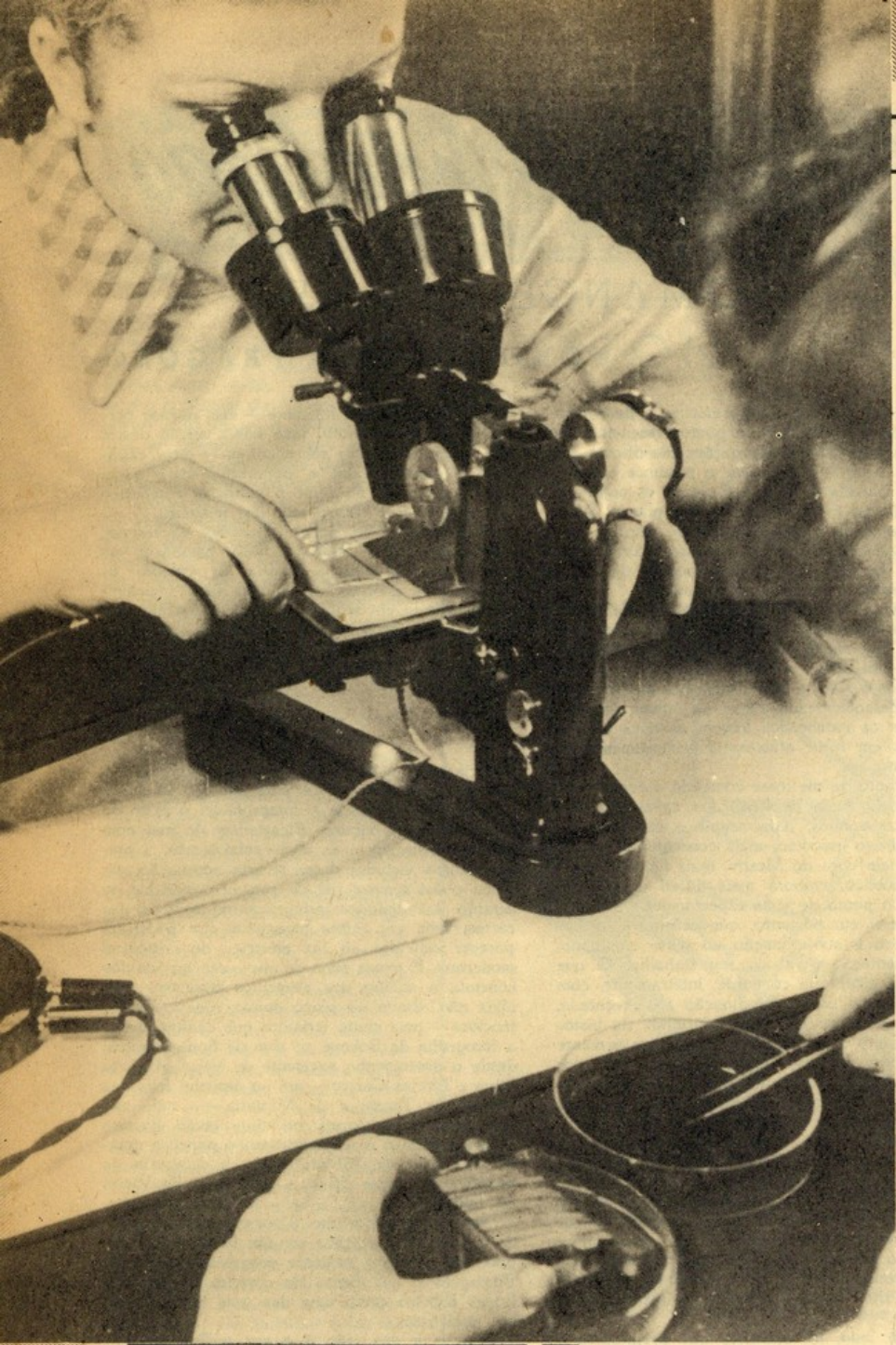
Seria longo e fastidioso apontar outros pecados da adaptação do romance. Eles não são, na visão do conjunto, de molde a comprometer o êxito do filme junto do público. Ficariamos de mal com a nossa consciência se não exaltássemos, a par, as imensas virtudes dessa mesma adaptação, espelho quasi sempre fiel do romance, modelar no arranjo dos diálogos, admirável na solução das cartas, feliz em certas passagens que poderiam parecer ridículas à luz eléctrica do criticismo moderno». E temos pena de que o espaço nos não permita a análise dos elementos técnicos — que aliás não estava no plano desta crónica despresticiosa — pois muito teríamos que exaltar, desde a fotografia de Bobone ao som de Sousa Santos; desde o desempenho excelente de Vilar, António Silva e Igrejas Caieiro — até ao desenho feliz das figuras de Teresa e de Mariana — e tudo isto sem esquecer a forma brilhante como Barreto Poeira defendeu o seu ingrátissimo papel; a notável actuação de Alfredo Ruas; a categoria da partitura de Jaime Silva; a montagem de Vieira de Sousa, etc.

Limitamo-nos, por isso, a pôr em relêvo o facto de «Amor de Perdição» ser um filme sério e digno, que atesta o evidente progresso do cinema Português e que ficará na carreira de António Lopes Ribeiro como uma das suas mais corajosas iniciativas.

Quanto a nós, não é o seu melhor filme — mas admitimos que seja o seu maior êxito! E isto nada tem de surpreendente. O próprio Camilo anotou o facto de, contra o que êle considerava justo, o «Amor de Perdição» ter alcançado «uma recepção de primasia sobre todos os seus irmãos»...







ENTRE A MORTE DAS BATALHAS, A CIÊNCIA LUTA PELA VIDA!

# COMO OS EXÉRCITOS SÃO IMUNISADOS CONTRA O TIFO EXANTEMÁTICO

**H**OJE, os exércitos não podem contar só com a sorte das armas. De nada pode servir um grande e poderoso armamento, a melhor estratégia, se ao seu encontro correr, como num sópro mortífero, a epidemia que tudo dizima e arraza. Na guerra anterior, a Sérvia sentiu os horrores do tifo exantemático que lhe fez, num curto espaço de tempo, 250.000 mortos no exército que então lutava. Essa epidemia vinha já das regiões russas, onde o combate era mais acêso. Os exércitos entrechocavam-se valentemente. E um dia, num regimento, sente-se este alarme grande: os soldados, como loucos, corriam largando as espingardas e os seus abrigos. O corpo estava todo coberto por umas manchas estranhas, e voz prendia-se-lhes, vertigens, uma opressão que os sufocava. Era um horror, uma debandada sinistra. Depois, calam exangues, contorcendo-se. A epidemia, desconhecida, foi alastrando. A Rússia teve, só pelo tifo exantemático, três milhões de mortos.

A promiscuidade na luta, tinha feito — devido aos maus acampamentos — com que se gerasse o piolho. Ora o facito propagador da doença existe no seu sangue.

Esse parasita, ao picar no corpo do homem, deixa os germens da doença, pelos excrementos, no ferimento feito com a picada. Cêrca de duas semanas depois, a infecção vai surgindo. Dóres na cabeça e nos membros, e febre alta. Seguidamente, é o sistema nervoso central que fica combatido: vertigens e falta de ar — e as manchas que, rapidamente, vão cobrindo o corpo. A mortalidade é muito elevada. Chega a atingir 70 a 80 por cento em doentes com mais de cinquenta anos, e muito menos, claro, em doentes mais novos.

Ora os exércitos alemães que tiveram nesta guerra de atravessar as regiões dos Balcans, onde a higiene é muito precária — dos pântanos e dos grandes aglomerados — levaram consigo medidas preventivas. Assim, todos os soldados foram vacinados antes de partirem para essas regiões.

As medidas preventivas dos Serviços de Saúde Militar deram óptimos resultados.

O agente transmissor do tifo exantemático já tinha sido descoberto em trabalhos de laboratório de grandes cientistas.

O bacilo, analisado dentro da visibilidade do microscópico, foi encontrado dentro do sangue do piolho.

A ciência, na Europa, desconhecia o carácter epidémico e devastador do tifo exantemático.

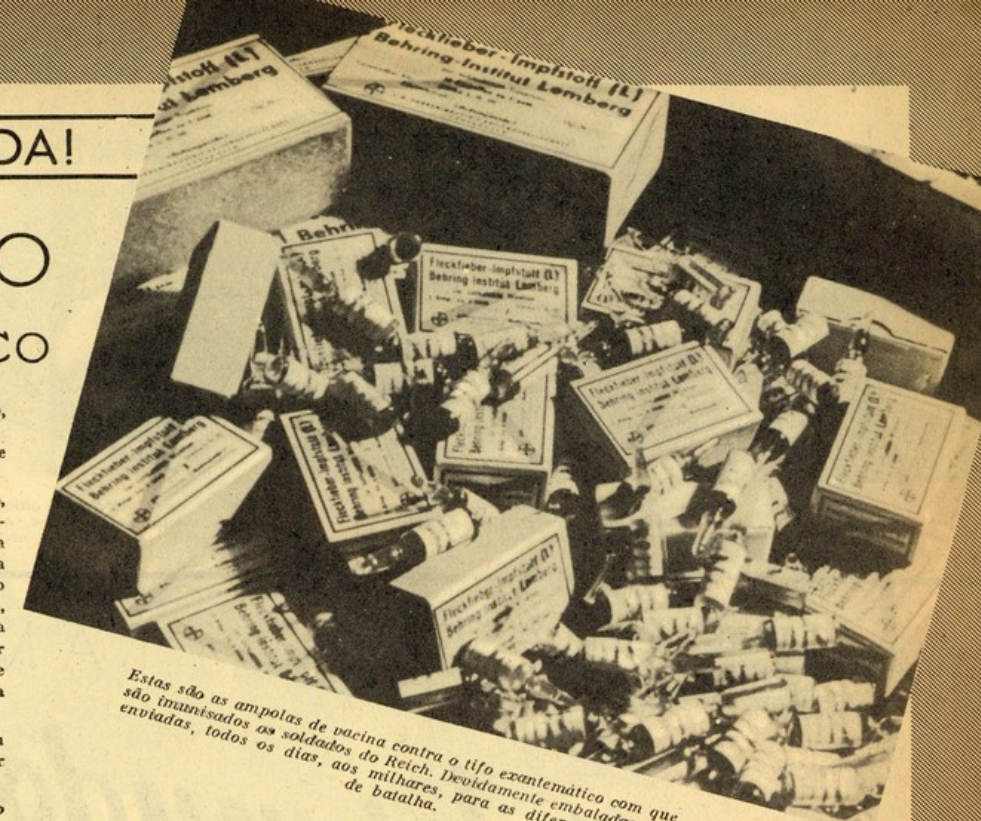
Por isso foi preciso montar laboratórios para estudo. Mas, em dado momento, surgiram dificuldades. O agente de contágio só podia ser combatido por meio de vacina, mas a grande dificuldade estava na confecção do soro. Mais uma vez a perseverança da ciência, para bem da humanidade, não afrouxou. Era preciso lutar, vencer. Bem se sabia que, amanhã, se uma epidemia dessas contagiasse um exército, a sua ruína seria total. Foi, então, que se pensou em criar piolhos, visto que só assim — e urgia que se fizesse — se poderia obter, extraíndo do intestino do parasita, o soro para a vacina.

Nos Institutos de Lemberg, Cracóvia e Varsóvia existem centenas de pessoas que alimentam, diariamente, com o calor do seu corpo, piolhos para a confecção do soro.

São milhões e milhões de parasitas alimentados no corpo humano. Seguidamente, os piolhos são infectados e preparados — e, então, é que se recolhe do pequeno intestino a matéria concentrada capaz de combater a terrível doença. Esses laboratórios — onde centenas de pessoas trabalham com os microscópios para obter o soro — têm protegido o mundo de ser contagiado por um dos maiores flagelos que a humanidade pode sofrer: o tifo exantemático. Só assim, nas campanhas de Leste, onde a higiene europeia era desconhecida e a promiscuidade poderia dar azo a que a epidemia avassalasse, como na outra guerra — os soldados alemães puderam atravessar aquelas regiões completamente imunizados.

A ciência sempre se tem sacrificado para o bem da humanidade. Se não fosse ela talvez mesmo que os exércitos, por muito bem apetrechados que estivessem, não chegassem a cumprir parte dos objectivos que têm em vista.

Um exército tem hoje de contar com os seus serviços de saúde, com o seu material sanitário. Desta organização pode depender parte das suas vitórias.



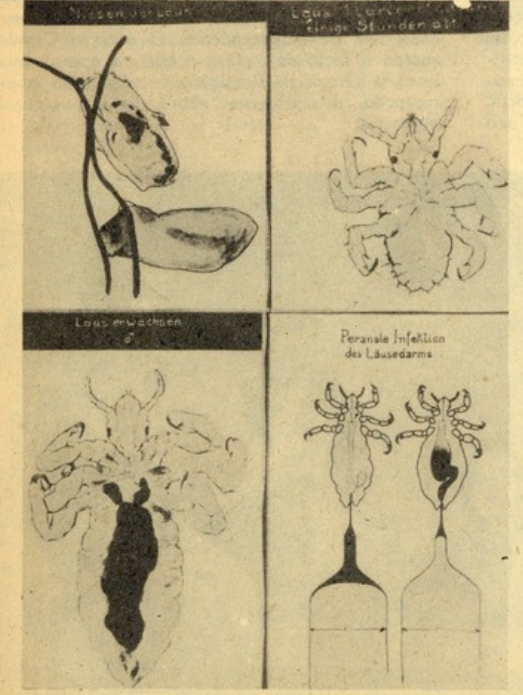
Estas são as ampolas de vacina contra o tifo exantemático com que são imunizados os soldados do Reich. Devidamente embaladas, são enviadas, todos os dias, aos milhares, para as diferentes frentes de batalha.



Na necessidade de fazer face aos perigos das epidemias, a ciência tem procurado conseguir outros processos de combater o tifo exantemático. Tem recorrido para isso a experiências para obter o soro anti-tiflo da gema do ovo, mas, até agora, este processo ainda não deu os seus resultados práticos...



Os ovos, como se vê na foto, são esterilizados com iodo e depois injectados. Mas a grande prova, até agora, ainda é dada pelo soro extraído do próprio piolho...



Este é o trabalho dos laboratórios, onde técnicos especializados, ao serviço da ciência, velam, com o seu saber e com o seu coração, pela vida da humanidade. Esse trabalho meticolosíssimo do estudo científico não o fazem só os homens; nessa cruzada cabe também um bom quinhão às mulheres. Nesta foto vemos uma delas ao microscópio...

Este é um gráfico exemplificativo da forma como é obtido o soro do piolho — o repelente animal que provoca o flagelo do tifo exantemático. A descoberta desse soro — obtido na própria origem do mal — foi feita no Instituto de Soro de Lemberg, que assim veio prestar mais um alto serviço à ciência e à vida.





—Diga: pai! E a pequenina, diante do espelho, faz esforços para silabar. Vê mexer os lábios da professora — e compreende que aquele nome deve ter grande doçura...

A conta está certa. Além das aulas de geografia e história, gramática e aritmética, há exercícios que requerem cuidadosa atenção.

É assim que se aprende a ver as horas. Escrevem com as bolas, no tabuleiro, as horas que o mostrador indica...



## A PEDAGOGIA TAMBÉM CURA

# os surdos-mudos podem vir a falar!

A pedagogia também cura certos males. E não só da alma, como do corpo. Muita gente supõe que os «surdos-mudos», se um dia recuperarem a fala — é devido a um milagroso acaso. Em certas aldeias das nossas províncias, há mesmo quem afirme que um forte susto, bem pregado num cruzeiro, com um improvisado fantasma de lençol pela cabeça, é capaz de dar a fala ao mudo de nascença — pela gritaria que, a gesticular, há-de fazer!

E, nada é de admirar que outras criaturas — e ainda os jornais relataram há dias um caso desses — percam a fala diante duma emoção. Quere isto dizer que, duma forma precisa, o povo, arreigado a um

hábito antigo, ainda receita para passagem de soluços — o susto, e para recuperar a fala — o acaso duma emoção. Ora temos razão para descrever desse conceito. Os surdo-mudos têm o seu ensino e aprendem a falar. A pedagogia conseguiu um largo triunfo, coroando os esforços de grandes cientistas, dando a fala a milhares e milhares de infelizes que, à nascença, vinham com o condão de nunca poderem dizer «pai e mãe».

Vimos agora de visitar um Instituto de Surdos-Mudos. Impressionou-nos a maneira dedicada com o ensino é ali ministrado. A professora senta a pequenina aluna no colo. Esta não sabe articular uma sílaba. Em frente há um espelho. As imagens da professora e da aluna são nele reflectidas. E a



A alegria destas encantadoras garotas transparece nos rostos juvenis. Nem parecem surdas-mudas, que nunca ouviram os doces prelúdios duma manhã de Primavera, com cantos de passadeira nas árvores frondosas. É um rancho alegre e descuidado — e sem poderem falar — são comunicativas... Irmãs no mesmo infortúnio têm, na claridade dos olhos, a esperança ridente que um dia virão a falar...

lição começa. Diga: «á... á...» — e abre muito a bôca. A pequenina — não pode ouvir o som — mas vê mexer os lábios no espelho e começa, também, a querer imitar. E, daí a pouco, já consegue um som sumido, que todos os dias se vai aperfeiçoando. Ao fim de oito anos de ensino, sai do Instituto a falar. Encontrámos algumas que já estão na terceira classe e que respondem a tudo, mesmo com certo desembaraço. Fazem problemas, respondem à História, à Geografia e dividem orações.

O que é preciso, claro, é que a professora lhes dê indicações. E, então, a lição tem certo interesse. Põem-se tôdas diante da secretária, em fila. A mestra, de pé, vai perguntando, ao mesmo tempo que mostra o lápis:

— O que é isto? E mostra o lápis.

Elas respondem em côro. Depois pergunta a côr, se é grande ou pequeno — e o que é gramaticalmente. Como se forma o plural, quais são os adjectivos, os verbos que entram em certas frases. E conjugam os tempos irregulares com certa perfeição. A par do ensino nas aulas — no Instituto não se descarta o aspecto social da educação. Assim, como tôda sas alunas são internadas pela Assistência Pública — e porque geralmente vêm de famílias pobres — funcionam as aulas de corte, de bordados e de costura. É que, amanhã, saídas da escola, podem auxiliar os seus ganhando a vida. Estão, agora, no Instituto perto de cinquenta alunas. As professoras, duma dedicação extraordinária, disseram-nos que o ensino se torna muito mais proveitoso para as que vão para lá ainda com a idade escolar — entre os sete e oito anos. Aprendem muito melhor, têm certa viveza — e, sobretudo, não têm as cordas vocálicas tão presas. Ao passo que, noutras idades, o ensino torna-se difícil e pouco profícuo.

Uma das coisas que as professoras não consentem é que falem por mimica — isto, claro, quando já têm ensinamentos para dizerem qualquer coisa. As vezes encontram-nas pelos cantos numa algarviada de gestos e quinchos — e isto prejudica o andamento da aprendizagem.

É que pela mimica entendem-se mais depressa, mas isso vai atrasar os progressos de salibar continuamente. As alunas mais crescidas do Instituto também trabalham. Lavam a sua roupa, engomam, aprendem os serviços caseiros, incluindo a cozinha. As melhores horas, porém, passam-nas no recreio, alegres e expansivas, correndo e brincando. É aí que, dando largas à tumultuosa mocidade, esquecem que o mundo tem murmúrios e clamores que os seus ouvidos nunca escutaram...

Mas sentem a suavidade do sol, da côr, da Natureza, que inunda a alma de luz e dá alegria ao viver.

MANUEL MARTINHO



Também trabalham. Aqui está o bastidor armado, para bordados. A vida tem que ser ganha, amanhã, quando a Escola tiver cumprido a sua missão de educá-las.



São perto de cinquenta crianças! Tiveram grande alegria ao tirar o retrato junto das professoras, que as ensinam com uma verdadeira ternura de «irmãs»...



# O Dr. Paulo Duarte

## FALA-NOS DA SUA MISSÃO COMO ENVIADO DO MUSEUM OF MODERN ART DE NOVA YORK



**A**QUI há meses, os jornais noticiaram. Era um moço do Brasil, um dos da vanguarda de idéias e acção, este que tinha chegado com uma missão honrosa marcada no passaporte norte-americano. Naturalmente, não era a primeira vez que o dr. Paulo vinha a Portugal.

— Oito vezes passei pela sua terra! — diz-nos êle. E relembra-se essa hora emocionante do destêrro, em que um grupo de brasileiros — gente nova e da melhor — vinha como embaixada magnífica para estreitar compreensões, sob pretexto de um castigo político...

Grande acto o do Governo, êsse!  
Lisboa — o país inteiro — recebeu os seus irmãos de raça com um carinho, um entusiasmo magníficos. Gente de *élite*, essa, foi compreendida pela *élite* portuguesa — e pelo povo.

— Entrávamos nas lojas, nos cafés, nos taxis, nos cinemas — e quando davam conta que éramos brasileiros, não nos aceitavam dinheiro! Nesse estranho movimento de solidariedade se estreitaram laços que com o tempo deslataçaram...

— E depois?  
— Vim outras vezes, de passagem, por causa de afazeres ou de política.

— E hoje?  
— Venho por causa de cumprir a missão de que fui investido pelo Museum of Modern Art.

Queremos saber, em primeiro lugar, o que é o Museum of Modern Art. Se tem alguma ligação com o Estado. Como funciona e como foi fundado. E o dr. Paulo Duarte, um devotado partidário de Armando Sales de Oliveira, candidato à presidência da República em 1937 — um político a quem os portugueses do Brasil tanto querem — logo explica:

— Não, não tem nenhuma ligação com o Governo. Em 1928, um grupo de homens de gosto e de dinheiro pensou em instituir, em Nova-York, uma fundação destinada a dedicar-se exclusivamente ao estudo dos mais recentes movimentos artísticos. A idéia tornou-se realidade por um manifesto publicado no Outono do ano seguinte.

— E desde então...  
— Desde então, vem desenvolvendo, cada ano mais, as suas actividades, distribuídas por vários departamentos, como os departamentos Educativo e de Pintura, Escultura, Artes Gráficas, o de Arquitectura, Cinema, Fotografia e Desenho Técnico, o de Exposições, Exposições circulares, o de Publicações, Biblioteca e Arquivo de Dança. Como vê, os nomes falam por si mesmo...

— A sua presença faz-nos supor que o Museu facilita viagens de investigadores ao estrangeiro...

— Ah, sim! Todas as vezes que os interesses o tenham exigido.

— E essas exigências são grandes?  
— Na Europa, presentemente, sou o único enviado — e isso é fácil de compreender...

— A situação do velho continente...  
— Claro... Mas já na América do Sul, estiveram três missões, êste ano: uma de Arquitectura, no Brasil; uma de arte em geral, no México; e uma de Pintura, que percorreu vários países latinos...

O dr. Paulo Duarte olha, depois, para o futuro: — Uma vez restabelecida a paz, outras missões virão para cá, pois não há nada mais interessante para um laboratório de arte cientificamente organizado, do que assistir à ressurreição intelectual da Europa.

Perguntamos, então, ao ilustre brasileiro se é a primeira vez que vem à nossa terra com funções de coordenador e investigador de motivos de arte e êle diz-nos quasi que não:

— Na França já exerci estas mesmas funções no Museu do Homem, ao lado do meu querido amigo e mestre, o professor Paul Rivet. Mas num outro campo: o da sociologia. Agora em Portugal... quasi posso responder que não é a primeira vez, visto que já por aqui passei como jornalista, funções que são também de coordenador e investigador. Aliás, várias contingências me têm dado a oportunidade feliz de vir a Portugal...

Não estamos, de facto, apenas diante do representante do Museu de Arte Moderna. E preciso ver no dr. Paulo Duarte, fora a sua qualidade de antigo refugiado político, a que já nos referimos — o turista e o jornalista que como tal nos visitou. O antigo redactor — redactor aos 16 anos — dêsse monumento da Imprensa que foi o «Estado de S. Paulo», a que o dr. Paulo Duarte estava também ligado como accionista, continua, porém, a responder-nos. Queremos saber qual o objectivo fundamental da sua viagem e o interesse especial que põe nas suas investigações:

— Primeiro, fontes de arquitectura. Depois, tudo quanto se refira à moderna actividade artística de Portugal. O Museu pretende fazer um inquérito sobre a arte latino-americana. No campo da arquitectura, principalmente, não é possível falar de arquitectura brasileira ou espanho-americana, sem saber um pouco de arquitectura portuguesa ou espanhola.

— Certamente terá encontrado apreciáveis elementos de etnografia...

— Iniciei apenas os meus trabalhos. As primeiras semanas de estadia foram empregadas quasi só em verificações bibliográficas, aquisição de alguns livros e início do ficheiro, mercê do qual será redigido o meu relatório.

— Mas, depois...  
— Depois, vi o arquivo fotográfico e algumas películas do S. P. N., algumas das quais me interessam pelo seu carácter etnográfico.

— E ainda depois...  
— Vou estudar os Museus de Arte Antiga e outros...

— E fora de Lisboa?  
— Já visitei, como fiz na capital, alguns monumentos do interior do país... E digo-lhe que os elementos encontrados são apreciabilíssimos para o ponto de vista que orienta a minha missão.

Perguntamos ao dr. Paulo Duarte se acredita nos resultados dêste meio de conhecimento dos povos e êle responde-nos:

— Para mim, o único meio realmente eficiente de conhecimento dos povos é o sociológico, por ser o único científico. Não o considero, pois — pelo menos no que respeita à minha missão — um simples processo de divulgação.

— Mas...  
— Divulgação é anúncio. E o fim dêste é arranjar aderentes ou clientes. E eu não pretendo voltar para Nova-York levando algumas fotografias só para escrever por baixo: «êste é o claustro dos Jerónimos, o mais bonito do mundo» — ou coisa semelhante. Se o é, não é preciso afirmar só; se o não é, acabaria desacreditado, fim de toda a propaganda bem ou mal dirigida.

— Portanto, o seu fim...

— E levar documentos e provas, em vez de dizer-diz-que... E, pela boca do Museum of Modern Art, contar não o que Portugal foi mas o que Portugal é. Sob o ponto de vista artístico, evidentemente, pois as minhas credenciais não permitem mais. E o facto de ter vindo em missão intelectual, num instante em que tudo no mundo se volta para a consulsão do universo, mais alto coloca o instituto que me enviou. É sempre confortante testemunhar-se um esforço construtivo, num momento em que o mundo só se volta para a destruição...

— Qual o plano geral dos seus trabalhos em Portugal e Espanha?

— Ver, ou melhor, rever os seus monumentos, os seus museus e levar para Nova-York observações e documentos escritos e fotográficos do património artístico da península, fonte, talvez a mais importante, da cultura latino-americana, tomando-se êste termo no seu mais preciso e amplo sentido, isto é, o sentido etnológico.

— Como brasileiro, acha de interesse a divulgação das velhas raízes culturais portuguesas?

— Como brasileiro, não acho que seja de interesse, acho que é indispensável. Da raiz portuguesa é que brotou a cepa brasileira. Não importam os vários enxertos nela feitos, durante mais de quatro séculos. Os enxertos só pegam quando da mesma natureza do cavalo. Se corpo estranho, em vez de brotar, será expellido.

— Essas raízes, aliás, como se traduzem na arquitectura e escultura brasileiras — já que nada podemos encontrar na pintura, salvo no que reflecte temas africanos?

— A meu ver, arquitectura brasileira não existe. É a velha arquitectura portuguesa com algumas modificações e algumas influências autoctones ou não. Existirá com um pouco mais de tempo e com um pouco mais de consequente civilização. É como a língua brasileira que, embora em plena formação, ainda é a portuguesa modificada. Existirão ambas — arquitectura e língua — porque há vitalidade para isso, em que pese a opinião contrária dos creus da sociologia. Mas os creus da sociologia acreditam também na eficiência da policia e dos canhões para orientar a intelligência humana... Da pintura portuguesa, a brasileira conserva pouca, muito pouca reminiscência, mas quanto à música, creio que os seus traços são mais frequentes. Não era possível que o sentimento português não deixasse os nas florestas e nas montanhas do Brasil que, durante três séculos, o ouviram cantar e sonhar...

Queremos saber se o dr. Paulo Duarte tenciona fazer aqui alguma conferência, dar a conhecer aos portugueses o favor que lhes fica devendo, mas êle diz-nos logo sorrindo:

— Não, porque disponho de pouco tempo para trabalhar e de muito pouco para falar. E não creio que fique devedor ou crédor de qualquer sentimento, naquilo que abraja a minha missão. Isso porque o meu guia é a objectividade (e Portugal para ser amado não precisa de outro elemento analítico)... Quanto ao favor imenso que, particularmente, fico devendo a Portugal pela hospitalidade inigualável do seu povo; pela compreensão dos seus homens inteligentes e pelo encanto natural da terra, a êle não preciso de agradecer porque, como brasileiro, me considero português, apesar dessas convenções artificiais

(Continua na pag. 23)





# "BOBBY"

O MAIS  
POPULAR  
DOS  
TIPOS INGLÊSES

**Q**UANDO em Inglaterra se fala do «Bobby» ou dos «bobbies», toda a gente sabe que se trata duns belos rapazes, agentes de policia bem dispostos, cortezes e correctos, sempre prontos a tirar-nos das maiores dificuldades, — ésses excelentes companheiros de cada cidadão, na via pública, tão imitados em todo o mundo, e em todo o mundo tão inimitáveis.

Imperturbado, calmo, digno, dominando multidões com o seu corpo forte e alto, «Bobby» é por certo a figura mais representativa da vida civil inglesa. Certamente êle tem um rival: o Tommy que todo o país adora e cerca de carinho e de respeito. Mas «Bobby» não mata: defende as vidas alheias, sem arma de fogo nem sabre à cintura — e nisto há uma grande diferença...

Este representante da autoridade é calmo — o que não impede de agir activa e vigorosamente contra os malfeitores... É optimista, tem sempre uma palavra amável e um sorriso, ajuda as crianças, os enfermos e os velhos, é guia de desenganalhados, quer chova ou faça sol.

Por êsse motivo, alguns governos dos países em guerra, estabelecidos em Londres, nomearam comissões para estudar o segredo do prestigioso quasi lendário dos «Bobbies».

Mas, na verdade, será possível imitá-los? Se forem uma imitação — como podem ser os próprios «Bobbies»?



Recentemente, os policiaes ingleses tiveram que aprender linguas, por causa dos muitos estrangeiros refugiados em Inglaterra. Este soldado francês, por exemplo, quer saber onde fica determinado estabelecimento...



O transeunte é um cliente de todas as horas. Tem sempre que perguntar. Este soldado, por exemplo, não sabe onde fica o Piccadilly...



A inspecção dos «bobbies». Nada de sabres nem armas de fogo: uma matreca de cauchiu, um pingalim, uma lâmpada de algibeira e um livro de apontamentos — é tudo, para este tempo de guerra!



«Ama sêcas pública» — é assim que os ingleses picarescamente designam os atentos condutores de crianças no labirinto de sinais luminosos e «mãos» de automóvel...



**CLIPER'S**  
 Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em

**5 CÔRES**

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDO» tradução portuguesa da marca de exportação

**«CLIPER»**  
 e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

**INCOLOR**  
 PARA TODOS OS CABELOS  
 BOIÃO 16\$00

A venda em todas as boas casas




Côr Tirone para cabelos pretos  
 Côr Gable para cabelos castanhos  
 Côr Douglas para cabelos louros ou claros  
 Côr Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

**P A P Y R U S**

**PAPYRUS**— O melhor papel para escrever  
**PAPYRUS**— O melhor papel para imprimir  
**PAPYRUS**— O melhor papel para Títulos de Crédito  
**PAPYRUS**— O melhor papel para Apólices, etc.  
**PAPYRUS**— Os melhores livros comerciais  
**PAPYRUS**— Os melhores sobrescritos  
**PAPYRUS**— O melhor papel para cartas

A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:  
**Amador A. Dominguez & C<sup>a</sup> (Filho)**  
 Rua dos Correios, 70  
 LISBOA  
 End. telegráfico PAPIRO—Telefone 25854



**PAPYRUS**  
 Extra Strong

**2**

**PRODUTOS INDISPENSÁVEIS À BELEZA DA SUA PELE**

**Creme e Pasta de Amêndoas**

Rainha da Flungria

SÃO PRODUTOS M.<sup>ME</sup> CAMPOS

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**

Avenida da Liberdade, 35  
 LISBOA




**UMA GOTTA DE «HERPETOL»**

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

**«HERPETOL»**

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.<sup>o</sup> — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**...Aqui América**

**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS**  
 EM LINGUA PORTUGUESA  
 (RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WRUL	38,4 m.	WRUW	49,6 m.	WKLJ	39,6 m.
8,45	WRUL	38,4 m.	WKLJ	30,7 m.	WKJS	39,6 m.
9,45	WKLJ	30,7 m.	WKTS	39,6 m.	WBOS	48,9 m.
12,45	WKLJ	19,6 m.	WGEO	19,5 m.		
13,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.	WBOS	19,7 m.
14,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.		
17,45	WRUS	19,8 m.				
18,45						
19,45	WGEA	25,3 m.	WRUS	19,8 m.		
20,45 às 21,15	WGEO	19,5 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
	WRUS	19,8 m.				
21,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WKLJ	30,7 m.
22,45	WKLJ	30,7 m.				
23,45						

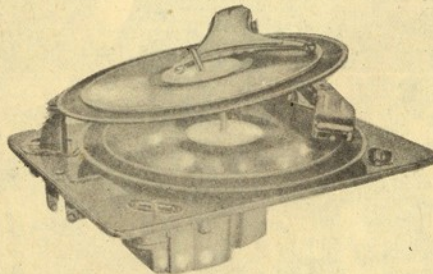
A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na frequência de 48,43 m., 41,86 m., 31,41 m. e 25,09 m.

**OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA**

**DISCOFONES**

COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS

EM CAIXAS DE MADEIRA DE BELO ACABAMENTO, PERMITINDO A AUDIÇÃO DE 8 DISCOS GRANDES E PEQUENOS SEM QUALQUER INTERRUPTÃO



O aparelho ideal para os amadores de boa música

**Est. VALENTIM DE CARVALHO**  
 R. NOVA DO ALMADA, 97



ERNEST BEVIN — Uma das grandes figuras do movimento operário inglês e que pelo seu prestígio pessoal entre as massas e altas qualidades de político ponderado, tem sabido merecer, pela sua obra de governo, como ministro do Trabalho, não só a admiração dos trabalhadores do seu país, que fazem sob a sua enérgica orientação um esforço total do trabalho ao serviço da nação em guerra, como o respeito da Inglaterra inteira.

(Caricatura de Santana)





# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

6

### O RAID A COLÓNIA

**A** intensificação dos ataques aéreos às suas principais cidades durante os meses de Março e Abril e especialmente de que a esses «raids» se revestiram, revelando a existência dum plano metódico de acção que estava sendo sistematicamente executado, levaram os dirigentes alemães a procurarem dar uma réplica, tanto quanto possível adequada, à actividade crescente da R. A. F. sobre o território do seu país. Essa réplica, como dissemos, revestiu-se de características especiais. A Luftwaffe tinha a maior parte dos seus efectivos e do seu material empilhado na frente Leste onde os preparativos para a ofensiva de Verão de 1942 se estavam intensificando. Os seus «raids» no ocidente tinham de ser, portanto, «raids» de qualidade e não de quantidade, dadas as dificuldades com que aquêle país estava lutando. Praticamente, bem pode dizer-se que foi, a partir desse momento, que o Reich se viu obrigado a fazer a guerra aérea, em duas frentes a qual seria o prólogo das repercussões militares que mais tarde vieram a fazer-se sentir.

Os «raids» Baedeker tiveram esta designação por serem feitos contra as cidades inglesas onde existiam, além de tradições famosas e monumentos que chamavam a atenção dos turistas de todo o mundo. Essas cidades, as mais atingidas, durante o período a que nos referimos, foram as de Exeter, Bath, Norwich e York. As suas catedrais eram justamente famosas e quasi todas elas sofreram estragos que tornam impossível a sua reconstrução.

A série de ataques da arma aérea alemã a que nos referimos começou na noite de 23 para 24 de Abril. O primeiro ataque foi dirigido contra a cidade de Exeter. Esse primeiro «raid» foi realizado por um número relativamente diminuído de aparelhos, apenas cinco, e os estragos materiais produzidos foram ainda em proporção relativamente pequena. Deve considerar-se o primeiro «raid» a Exeter como o «test» das futuras demonstrações da Luftwaffe sobre o território britânico.

### OS ÚLTIMOS DIAS DE ABRIL

Durante a última semana de Abril os ataques intensificaram-se. Na noite seguinte, de 24 para 25 de Abril,

#### Ex.ªs Senhoras

Ao voltarem de suas férias visitem os lindos modelos de VESTIDOS, CASACOS, CONFECÇÕES DE PELES e "LINGERIES"

Expostos nos salões de LUCINDA & INEZ, L. DA R. D. Estefânia, 117, 1.º

a cidade de Exeter voltou a ser visitada mas dessa vez por um número maior de aparelhos, cerca de vinte, dos quais, dois foram abatidos. Depois, sucessivamente, após o fim daquele mês registaram-se os seguintes «raids»: sobre Bath, na noite de 25 para 26, tendo tomado parte cinquenta aparelhos dos quais cinco foram abatidos; sobre Bath, na noite de 26 para 27, com trinta aparelhos dos quais três foram abatidos; sobre Norwich, na noite de 27 para 28, com vinte cinco aparelhos dos quais três foram abatidos; sobre York, na noite de 28 para 29, com vinte aparelhos dos quais cinco foram abatidos.

O péso total das bombas lançadas durante estes «raids» foi de duzentas e vinte cinco toneladas. Durante o mesmo período de seis dias, de 23 a 29 de Abril, os aparelhos de bombardeamento da R. A. F., lançaram sobre o território do Reich um péso de bombas de mil e quatrocentas toneladas. Este número exclui o péso de bombas lançadas sobre o território ocupado da Europa continental.

Os ataques da aviação alemã proseguiram entretanto. Na noite de 29 para 30 de Abril a cidade de Norwich foi alvo dum bombardeamento curto mas violento que produziu estragos muito importantes e um número relativamente elevado de vítimas. Na noite seguinte a aviação alemã voltou a atacar, segundo o seu método peculiar de «raids» dispersos, tendo espalhado sobre a região de Sunderland um número relativamente elevado de aparelhos em pequenas formações que visaram diversos objetivos no mesmo tempo. Neste último ataque tomaram parte cinquenta aparelhos dos quais onze foram abatidos.

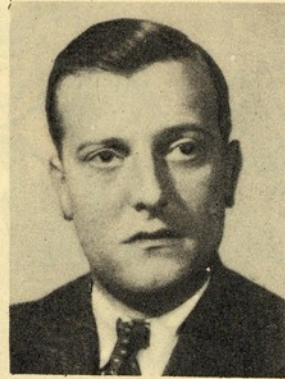
Na noite de 4 para 5 de Maio uma nova formação de aparelhos alemães atacou, mais uma vez, a cidade de Exeter. Eram trinta aparelhos dos quais sete foram destruídos. Depois, durante um mês, os chamados «raids» Baedeker cessaram, por circunstâncias ainda hoje mal esclarecidas.

### A EXPLICAÇÃO DOS RAIDS BAEDCKER

Falando nessa altura em Londres, uma entidade autorizada dava a seguinte explicação dos «raids» Baedeker e do seu funcionamento psicológico: «Trata-se de criar um ambiente de pânico entre nós por um método diferente daquele que foi usado durante a batalha de Inglaterra. Os «raids» Baedeker equivalem a

uma intimação nos termos da qual os nossos cidadãos cessariam de serem os centros industriais do Reich ou veríamos desaparecer, um a um, todos os nossos monumentos históricos. Nós atacamos as instalações das fábricas de aviação «Heinkel» em Rostock, os estaleiros de submarinos de Emden e as obras do pórtico de Hamburgo. Os nossos adversários atacam cidades como Exeter ou Norwich onde não existem, de facto, quaisquer instalações militares».

Simultaneamente na Wilhelmstrasse era feita aos representantes da imprensa estrangeira a seguinte declaração: «Os nossos planos, todos conhecemos, com um número suficiente de pormenores, o Baedeker da arte britânica. Sabemos onde se encontram as casas históricas dos Tudor, as catedrais como a de Canterbury e os palácios da velha nobreza britânica. Os nossos aviadores sabem



OTTO ABETZ  
Embaixador especial da Alemanha em Paris, após a capitulação da França

igualmente descobri-los e atingi-los».

Até à altura em que cessaram, temporariamente, nos primeiros dias de Maio, os «raids» Baedeker, produziram em Inglaterra estragos materiais e perdas de vida muito sensíveis. Em relação às baixas registadas entre a população civil os números oficiais fornecidos foram os seguintes: mortos, 938 (sendo 359 homens, 446 mulheres, 122 crianças e 11 não identificados); feridos, 998 (sendo 500 homens, 419 mulheres, 79 crianças). No mês de Abril de 1941 o número de baixas entre a população civil inglesa, em consequência dos ataques da aviação alemã, fora de 6.065. Se a desproporção, em relação ao número de baixas, era nitidamente favorável para o ano de 1942, os prejuizos em effeitos de significação histórica eram incomparavelmente mais valiosos e sem possibilidades de reparação. Sob esse ponto de vista os «raids» Baedeker tinham alcançado o seu objetivo.

### A R. A. F. EM ACÇÃO

A pressão da R. A. F., manteve-se durante todo o mês de Maio. Esse facto coincidiu com o aparecimento dum novo modelo de aparelho alemão de características ofensivas excepcionais, o F W 190. Um crítico aeronáutico britânico dizia, ao referir o seu aparecimento: «É uma das máquinas mais terríveis que têm aparecido no decurso desta guerra. Sob muitos aspectos é nitidamente superior aos últimos modelos de «Spitfires». Ao mesmo tempo, dadas as características da luta que se estava travando na frente aérea ocidental, os chefes da Luftwaffe reservavam para essa frente os seus mais hábeis pilotos de aviação de caça. Nos «raids» nocturnos, porém, a quantidade do pessoal de caça britânico continuava a revelar-se nitidamente superior à dos seus adversários.

Nas noites de 3 para 4 de Maio e de 4 para 5 do mesmo mês, a aviação britânica empreendeu «raids» de grande importância sobre o continente, atacando sucessivamente os portos de Hamburgo e Christiansund (Noruega) e depois Stutgard e as fá-

bricas Skoda (Checo-Eslóvaquia). Nas duas noites seguintes, a cidade de Stutgard voltou a ser violentamente atacada por formações poderosas de bombardeiros britânicos.

Ao mesmo tempo que atacava o território do Reich, a R. A. F., actuava sobre a França e a Bélgica. As docas do pórtico de Nantes foram violentamente alvejadas por essa altura. Na noite de 8 para 9 de Maio, Rostock voltou a ser visitada. Warnemünde passou a ser depois, durante algumas noites, o alvo preferido da aviação britânica. Os ataques sucederam-se, todos caracterizados por grande violência e o número de aviões abatidos atingiu uma cifra desconhecida até então em operações desta natureza. Dezanove bombardeiros pesados caíram em consequência da acção da aviação de caça e da artilharia anti-aérea sobre Warnemünde. Este episódio não impediu que a R. A. F., prosseguisse, durante todo o mês de Maio, a sua obra. Na noite de 19 para 20 a cidade de Mannheim foi visitada em força pelas formações de bombardeiros britânicos que causaram nela importantes prejuizos. Os dias seguintes foram consumidos em acções sobre o norte da França.

### UM RAID GIGANTESCO

Na noite de 30 para 31 de Maio realizou-se o «raid» gigantesco contra a cidade de Colónia o qual vinha sendo, há muito tempo, estudado e preparado pelo Comando de Bombardeiros. O ataque durou aproximadamente uma hora e meia e nele tomaram parte mais de mil aparelhos dos quais quarenta e quatro foram abatidos durante a acção. A noite foi particularmente favorável para a realização desta operação, uma noite de luar em que puderam ser feitas pelas autoridades da aeronautica britânica as experiências e constatações que deviam resultar da realização do «raid».

Caíram sobre aquela importante cidade alemã duas mil toneladas de bombas as quais deixaram completamente arrasada uma grande superfície de terreno. O péso das cargas caídas era incomparavelmente maior do que tudo o que até então se tinha feito. Os bombardeiros chegavam ao local, em vagas sucessivas, com intervalos precisos de seis segundos. Assim o «raid» teve o carácter duma operação matematicamente concebida e executada até aos seus mais pormenores.

As fábricas de vagões de caminho de ferro e de indústrias químicas foram na sua maior parte destruídas. Do lado alemão reconheceu-se que se tratava da maior afirmação de forças aéreas até então realizada, desde o início da guerra. Quanto ao número de vítimas, os cálculos apresentados variavam muito, bem como os números oficiais revelados. O governo do Reich apresentou várias estimativas, mais com aspecto conjectural do que como certezas constatadas. O mesmo pode dizer-se quanto às afirmações de algumas personalidades, como o embaixador alemão em Paris, Otto Abetz, que declarou que devem ter morrido, em consequência do «raid», entre onze a quinze mil pessoas.

O número de evacuados também nunca foi definitivamente confirmado. Entretanto, tudo indica que tenham abandonado a cidade nada menos de cento e trinta mil pessoas o que também representava, para o no-



mento em que o «raid» se produziu, uma cifra bastante elevada. Essa cifra só veio a ser ultrapassada durante de 1943.

**«COLÓNIA NÃO VOLTARÁ A SER»**

A declaração oficial, feita aos representantes da imprensa estrangeira em Berlim, traduzia o sentimento profundo de consternação com que essa tóda a campanha foi recebida a notícia do bombardeamento gigantesco de Colónia. «Colónia não voltará a ser», tal a expressão empregada por um grande jornal para resumir a dor provocada pela realização do «raid» de 30 de Maio. Depoimentos de origem neutral, produzidos depois da realização do «raid», afirmavam, duma forma geral, que o sistema defensivo da cidade («esquadrihas de caça, artilharia anti-aérea, métodos de evacuação, socorros sanitários, etc.») não estava de maneira nenhuma adaptada à violência do ataque. É natural que os alemães tivessem a impressão de que, tão cédo, não seria possível à R. A. F., montar acções ofensivas de tal envergadura, não estando, por consequência, feitos para isso os preparativos necessários.

O depoimento dos pilotos da R. A. F., que tomaram parte no «raid» não se coaduna inteiramente com o ponto de vista desses observadores neutros. Para estes, a deficiência, sobretudo na artilharia anti-aérea e no seu funcionamento, era fundamentalmente uma consequência das exigências da frente Leste. Para os pilotos da R. A. F., cujo testemunho foi produzido nessa altura, o funcionamento da artilharia anti-aérea encarregada da defesa da cidade foi perfeito e eficaz nos primeiros minutos. Mas depois, o peso das cargas lançadas tornou-se decisivo e foi a violência do ataque que dominou todos os outros factores.

«Era uma verdadeira chuva de bombas», afirmou um deles, uma chuva inextinguível que caía por toda a parte e arrazava tudo no seu caminho. «Esta foi de resto a impressão deixada em muitos espíritos a qual, durante algum tempo, dominou as imaginações e se impôs como uma prova de força espectacular e duma eficiência terrível. E esta impressão tornou-se mais forte ainda quando os «raids» de Colónia se seguiram outros de idêntica violência e espectacularidade levados a cabo num prazo de tempo relativamente curto.

**1.000 APARELHOS SOBRE ESSEN**

Os ataques de envergadura a Essen, nas mesmas proporções do grande «raid» sobre Colónia, seguiram-se de perto. A indústria pesada do Ruhr era, de há muito, um dos objectivos, era mesmo nessa época o objectivo essencial, da acção da aviação britânica. No dia 3 de Junho o comunicado oficial de Londres anunciava: «Os círculos aeronáuticos britânicos informam que, durante a noite passada, centenas de bombardeiros ingleses voltaram a atacar, com a maior violência, importantes objectivos militares na Alemanha, onde causaram vastas destruições e numerosos e violentos incêndios. Estes incêndios eram, depois do ataque, avistados a uma grande distância. Hoje de madrugada viam-se ainda centenas de bombardeiros britânicos que atravessavam o canal da Mancha de regresso às suas bases depois de terem participado activamente no grande ataque da noite passada. Não são conhecidos, por enquanto, mais pormenores do resultado do ataque.»

Este comunicado era o complemento dum outro publicado na véspera em que se dizia: «Quarenta e oito horas depois de terem efectuado um «raid» devastador contra Colónia, no qual tomaram parte mil duzentos e cinquenta aparelhos da R. A. F., as forças aéreas britânicas voltaram a noite passada a atacar violentamente o coração da indústria pesada alemã que tem a sua sede principal na cidade de Essen. O ataque a esta cidade foi realizado por mil e trinta e seis aparelhos que lançaram sobre os objectivos militares da cidade muitas centenas de toneladas de bombas. As destruições são importantíssimas.

Dezenas de fábricas ficaram total ou parcialmente destruídas. Foram atingidos numerosos incêndios que eram, depois do ataque, vistos a uma grande distância. Neste ataque, que foi de proporções devastadoras e constituiu um golpe certo desferido contra o núcleo principal da indústria de guerra alemã, perderam-se trinta e cinco aparelhos.

Assim, as próprias informações oficiais anunciavam a importância dos «raids» devastadores efectuados contra a região industrial do Ruhr e, de maneira especial, contra a cidade de Essen, sede das fábricas Krupp que, de longa data, eram consideradas como as mais importantes para alimentarem o esforço de guerra do Reich.

No primeiro ataque a esta cidade tomaram parte mil e trinta e seis aparelhos. No segundo, efectuado com vinte e quatro horas de intervalo, tomaram parte quinhentos aparelhos. A sincronização e a execução perfeita destes «raids», três no curto prazo de três dias, davam ideia bastante exacta do potencial ofensivo da arma aérea britânica. Esses «raids» ofereciam um contraste evidente com tudo aquilo que antes deles se realizara. O Comando de Bombardeiros demonstrava, praticamente, a eficiência dos seus métodos e a meticulosidade dos seus serviços.

Eram esses «raids» simples casos isolados destinados a fazer uma afirmação de força ou tratava-se do início duma campanha que a prosseguir com as mesmas características? A experiência havia de demonstrar que não era possível manter o mesmo ritmo na política de destruição das instalações industriais do Reich. Mas, como mais tarde veio a averiguar-se, tratava-se de fazer prova de eficiência da arma aérea britânica e de colher elementos que habilitassem os dirigentes da aviação britânica a prosseguirem na realização da sua política. O número de aparelhos que tomava parte em cada «raid» alterou-se, mas a orientação que esses «raids» denunciavam nunca mais deixou de ser seguida. Os ataques, em grande escala, realizados posteriormente e de maneira especial durante o ano de 1943, provaram que as lições de Colónia e de Essen haviam sido convenientemente aproveitadas em termos de aperfeiçoar os aparelhos de ataque que se encarregaram de executar o objectivo fundamental da acção militar da Grã-Bretanha contra o Reich e contra os países ocupados do continente europeu.

(Continua)

**TRES EDIÇÕES DE "VIDA MUNDIAL" - TRES EXITOS!**

OS 295 DIAS QUE ABALARAM A FRANÇA  
Por ACURCIO PEREIRA

Preço: Esc. 12\$50

**A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA**

Por RAFAEL MARÇAL

Preço: Esc. 5\$00

**A ESFERA MISTERIOSA**

Romance policial de MAX FELTON.

Preço: Esc. 3\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS



Integrada nas recentes homenagens que lhe foram prestadas pela cidade, através de várias comemorações, realizou-se no Museu Bordalo Pinheiro uma exposição consagrada a Gomes de Brito. Esta foto dá-nos um aspecto dessa inauguração, acto que foi presidido pelo sr. Presidente do Município, engenheiro Rodrigues de Carvalho. Entre os presentes, estão o arquitecto Raúl Lino e a escritora Julieta Ferrão.

**Vida MUNDIAL** Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 " )..... 26\$00	12 " (52 " )..... 80\$00
12 " (52 " )..... 52\$00	
AFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
6 meses (26 números)..... 47\$00	12 " (52 " )..... 94\$00
12 meses (52 números)..... 68\$00	



**FOI A DO CASULO LIMPA FATOS**

Em cujo fabrico entram seis substâncias inofensivas. É um conjunto admirável! Dá o aspecto de novos aos fatos velhos, tirando-lhes o mau cheiro. Renova e conserva os tecidos. Tira as nódoas e o lustro. Limpa e desinfecta. Cada pacote dá para 1 litro de soluto e custa só Esc. 2\$00. Em todas as drogas do País.

REVENDA:  
RUA DA MADALENA, 128, 2.º  
LISBOA

**MEDICINAL**

**PASTA COUTO**

**TRATA**  
gengivas descarnadas  
ou sangrentas  
**EVITA**  
estomatites mercuriais  
ou bismuticas  
**MATA**  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves

**Couto, Lda. Pôrto**

LEIA TODOS OS SÁBADOS

**VIDA MUNDIAL**



# Um Caso Sensacional

UMA NOVELA DE ELENA DE ARAGÃO DESENHOS DE MANUEL LIMA

**N**A sala do tribunal cresceu a ansiedade. Ia ser lida a sentença. Chegara-se, finalmente, ao epílogo do caso sensacional que trazia toda a gente em palpitação. Ia saber-se quem era e a quem pertencia aquele homem, que ninguém conhecia e a si próprio se ignorava, porque voltara da guerra cruelmente mutilado da memória, amputado de todo o seu passado. Viera numa leva de reparatários, depois de ter vagado no mundo, como farrapo impellido pelo vento, novo Lázaro saído dum túmulo de mistério, sem recordação de vida vivida, sem lembrança de lar e de família, olhado de través pela desconfiança dos povos suspicatos do homem sem nome nem pátria.

De todas as diligências feitas para o identificar, recolhera-se, apenas, a certeza de que era português — porque falava a doce língua de Camões — e de que fora soldado combatente — porque vestia ainda um velho fardamento de artilheiro e entre soldados voltara. Mas quem era? Onde vivera? Que família o choraria por morto? Ninguém, nem ele mesmo pudera dizer.

Em torno daquele singular caso de amnésia, tinham-se agrupado sábios e investigadores. Nenhuma provação fóra poupada ao homem deslembrado de si mesmo, desde o suplicio da clausura rigorosa, para lhe quebrarem o castigo do desespero do isolamento, até a tortura dum tumor de fixação, aplicado como experiência extrema, com o fim de lhe arrancarem no delírio da febre o que em estado normal não revelava.

Tudo fracassara. Consciente ou inconsciente, o homem só respondera:

— Não sei!... Não sei!... Mas quanto angustiava nas suas pupilas marejadas, quanto dolente traduziam os seus braços caídos, a sua fronte pendida!...

Esgotados os recursos e habilidades da ciência e da lei, recorreu-se à divulgação do caso por meio da imprensa, esperando-se dum incidente o esclarecimento que a diligência não conseguira. Anunciara-se a todo o país o aparecimento dum soldado desconhecido vivo.

Fôra, então, por quantos lugares, próximos ou distantes, que nova alcançara um levantamento de alvoroçada esperança. Havia por lá muitos corações enlutados pela guerra, muitos olhos cansados de chorar lágrimas de incerta vivêz, muitas almas informadas com a ideia da morte de entes queridos que ninguém vira morrer. De longe e de perto, acorreram, adóridas de esperança, dezenas de mãos dolorosas, de estômas angustiadas que no amnésico viam reaparecido, por milagre, o filho ou o marido sempre esperados no segredo do coração. E grande cegueira o desmentava — que mais cruel devia tornar-lhes o demagogo!... — porque, mal viram o homem de olhar morno e triste, desassossegado em espanto, logo para ele se estenderam dezenas de braços trêmulos de emoção e por vinte nomes diferentes o chamaram outras tantas bocas contraídas pela ansiedade.

No desatino, todas o reconheciam, viam nele o ente estremecido tombado entre a hecatombe, sem confirmação de morte assinalada pelo testemunho dum cruz erguido em chão êrmo.

Ele, porém, emparedado na sua atonia mental, ninguém reconhecia, por ninguém se interessara. A todos os chamamentos súplices respondera sempre, no mesmo desalento:

— Não sei!... Não sei!... E a alucinação de esperança esvaíra-se, varrida por frio vento de desengano.

Reentradadas em amargura sem remédio, as pobres desludidas reajustaram os lutos e voltaram para o seu destêrro de saudade.

Mas nem todas desistiram. Duas, dentre elas, firmes na convicção de ser aquele o homem a quem se tinham unido para a vida e para a morte, ficaram a disputá-lo, procurando identificá-lo com provas e testemunhos. Ambas reconheciam no amnésico o companheiro chamado para os campos de batalha. O padecer demudara-lhe a feição, acurvara-lhe a figura, mas deixara-lhe ainda muitos traços de semelhança com os dois vigorosos e sorridentes moçosões representados nas fotografias que uma e outra exibiam.

Para Maria das Dores não havia dúvida possível: aquele homem que a alhava com vaga curiosidade, era o seu Manuel, em dia de negra lembrança arrancado dos seus braços, lá no coração do Minho onde lhes florira a ventura...

Maria dos Anjos não era menos firme em garantir que o soldado desconhecido vivo era o seu António, num dia desposado, lá no seu Algarve, e logo no outro, ainda em plena boda, chamado para a guerra.

Em favor da primeira, depunha a ligeira palpitação surpreendida no amnésico quando ela, de luz acêsa na alma e nos olhos, correria a apertá-lo ao coração, a bradar-lhe, num impulso:

— Manuel!... Meu grande bem!...

E deixara-se abraçar, não se lhe fartara aos beijos soluçados, às lágrimas ferventes mas, arrestando a docência, só o bastante para a olhar com esforçada atenção, fizera desesperada diligência para lhe encontrar rasto da imagem na memória extinta. Depois, dolorosamente, murmurara:

— Não sei!... Não sei!...

E duas grandes lágrimas silenciosas, desesperadas, tinham caído dos seus olhos. Compreendia que tudo seria inútil para o despertar dentro de si mesmo. Sabia-se condenado a rolar na terra do esquecimento, como seixo perdido.

O enigma trágico subsistia, subsistiria sempre a desorientar sábios e investigadores, a torturar três corações.

Como nenhuma das duas mulheres cedea nem se confessava menos assistida de direito e razão, o caso fóra levado aos tribunais e transitara de julgado em julgado, até à última instância que devia pronunciar o *veredictum* decisivo.

De parte, apagada em timidez, uma terceira mulher seguira todas as fases do singular processo, tomando para si bom quinhão da palpitação geral.

A notícia de ter aparecido um homem desconhecido de toda a gente e de si próprio, levava-lha o senso nos braços da serra onde se acantilava o seu moíno rumesungido.

Que perturbante alarme a nova levantara na quietude do seu viver arredado dos embates das paixões!...

Ao sabê-la, também o coração cansado da Ti'Ana Moleira desandara do pulsar brandinho. Não que ela esperasse a volta do seu filho, do seu pobre João. Não guardara a esperança de o reencontrar neste mundo. Aquêlo — pobrezinho dêle!... — nunca mais voltaria!... Os mortos não voltam!... E ele, o seu João, luz da sua vida, ficara-lhe na guerra! Assim lho tinham feito saber os *senhores* de Lisboa. Mas aquêlo soldado desconhecido de quem tanto se falava, andara pelas terras onde lhe ficara o filho... Talvez estivesse, a seu lado na hora extrema, quando o ceifara a metralha... Se lhe tirara ouvido um adeus para a sua *velhota*?

Entrou a minhã-lhe uma obsessão. Queria ver aquele homem. Parecia-lhe que ele trazia consigo um pouco do seu João!...

Lá no alto, gira que gira, numa espécie de raiva, o moíno rangia mais forte, como se lhe aprofundasse o sentir, a increpá-la, exasperado, pela tentação de o abandonar na solidão da serra.

Eram amigos tão velhos, companheiros de tão longa labuta... Só a morte devia separá-los!... Mas ela não o ouvia nem entendia. E que entendesse! O que lhe importava acabar ali ou noutra lugar? Iam-lhe tão longe a mocidade e as ilusões!... Tinha o coração tão roído de saudades!... Em qualquer parte pode cair um corpo cansado de sofrer, podem fechar-se uns olhos desalucimados de esperança...

Um dia decidiu-se. Travou o moíno, almoçou as leitritas e foi-se para não voltar. Se, no último

instante, sofreu rebate de pena, a ninguém, nem a si mesma, o confessou. Ia para onde a levava o coração. Mas, chegada que foi à cidade, faleceu-lhe o ânimo de que se julgava bem provida. Tanto horrocinho, tanto estrepito, estontearam-na. Como tudo ali era diferente da sua tranquilla serra!

E não se atreveu a entrar nos grandes palácios onde — diziam-lhe — podia encontrar o soldado desconhecido vivo.

De tanta gente acorrida para o ver, só ela nem sequer o avistara. Num amedrontamento invencível, confinara-se na hospedaria a que se acolhera e ali, timidamente, pediu que lhe lessem os jornais ou escutara o que se dizia do homem deslembrado de quem fóra. Assim acompanhada de longe, mas sem quebra de interesse, o desenrolar do drama em que se enredavam três corações.

Chegara, por fim, o dia do último julgamento. Então, a Ti'Ana Moleira encherá-se de coragem, resolvera assistir também à audiência.

— Já agora... Alguma coisa havia de ver!... Bem lhe tremiam as pernas ao entrar na enorme sala atulhada de gente murmurosa e inquieta! Mas lá fóra rompo por entre o povo impaciente, empurrada, contundida, acotovelada de todos os lados. Um refluxo brutal da turba alçou-a para o fundo da sala, quase a espalmara na parede. Ali se deixara ficar, encolhidinha no seu atantamento, meio sufocada por detrás dum barreira de latagões.

Não podia ver nada; a muralha de costas espadaçadas isolava-a no seu canto. Mas ouvia e, embora nem sempre as entendesse, não perdia uma palavra das que soavam lá ao longe, no extremo oposto da sala, gravava na retentiva o timbre das vozes que ali se aguiam dentro do silêncio opressor.

Tornou a ouvir, relatada do começo ao fim, a odisséia do homem que, havia anos, errava sem destino na terra do esquecimento; escutou, confrangido, as alegações apaixonadas das duas mulheres que o diziam sem a face de Deus e do mundo, pugnando, desesperadamente, pela posse daquele coração fechado.

Pobrezinho de quem padeci!... — suspirava, baixinho, muito para si, a avaliar a dor da contenda a quem a sorte seria adversa.

Por fim, calaram-se as vozes, lá adiante; e na sala, ganhando todos os cantos, agitando todos os peitos, perpassou um frémito de angústia.

O juiz lá proferir a sentença; mas, ansioso, movido por secreto escrúpulo, queria destruir toda a possibilidade de dúvida subsistente, tentou, mais uma vez, acordar o amnésico do seu sono de inconsciência. Talvez a solenidade do instante agisse nele, lhe galvanizasse a inércia mental...

Por toda a sala correu um sussurro de palpitação; a densa massa humana comprimiu-se mais, na sofreguidão de ver o homem que à ordem grave do julgador, se levantava para responder a novo interrogatório.

Com os outros, a Ti'Ana Moleira quis também vê-lo. Mas qual! Na sua frente ondulara cerrada mole de cabeças cavalgando-se em ânsia insofrida, sem lhe deixarem nesga de passagem para os olhos!

Desistiu e suspirou resignada.

Estava escrito. Não veria, nem de longe, aquele que tão perto andara do seu João!

Mal, porém, tornara a buscar o apoio da parede para as costas, sacudiu-a um estremeção.

Para além da muralha humana, erguia-se uma voz a responder, desesperada, desgarradamente, à insistência do juiz:

— Não sei!... Não sei!...

Donde veio, naquele momento, tamanha força ao corpiço franzino e esgotado da Ti'Ana Moleira, para assim arrear a pulso e encontrar quantos lhe barravam a passagem? Onde cobrou ligeireza para as pernas trôpegas, que tão depressa no peito, que o teia e ali a deixaram ofegante, desvaída, toda em tremor, com os olhos muito abertos cravados no homem esbulhado de memória? E que misterioso poder lhe demudou a voz rêmula e fraquinha para firme e vibrante, ao gritar-lhe, de braços estendidos:

— João! Filho da minha alma! Pois és tu? Que milagre, Senhor Deus!

Então, perante o assombro geral, como se tivesse sido atingido por uma descarga eléctrica, o amnésico estremeceu, e, num impulso, correu para os dois braços abertos, a abraçar, no peito, que o esperava em tumulto de pulsação, um grito saído da alma:

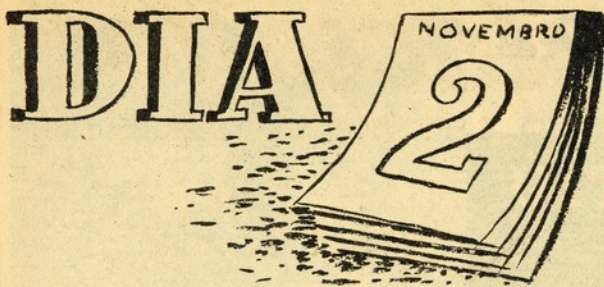
— Mãe! Minha mãe!...

No alto da serra, o moíno voltou a girar, removendo, ligeiro e tranquilo, a pressentir que em breve mais numerosa e bulhosa companhia teria a Ti'Ana Moleira à sombra das velas rodopiantes...

... E que — sabia-o ele — o João e a Maria das Dores tinham casamento ajustado...







## 2 MINUTOS DE SILÊNCIO... DE NOVEMBRO

*A luz, a alma do homem  
nem os vermes a consomem  
que os vermes não comem luz.*

João de Deus

**A**gota de orvalho que amanheceu no amarelo funerário e na espectral lividez dos crisântemos, esconde uma tristeza de poente: deixou o frescor de alva numa lágrima de luto na flor que Novembro vai colher para levar aos que partiram a nostalgia dos que ficaram. No coração dos vivos acorda a lembrança dos mortos. Neste dia, a recordação dos eternos ausentes é uma sombra, e o mistério da grande viagem oferec-nos pausas longas, pesados silêncios de cogitação... Todos temos uma lembrança que fica no limiar desse imenso Desconhecido. Cada alma dobra a finados. Miserere... Miserere... Que enche o lar dos mortos se não esse inexplicável vaso da solidão? Mas o esquecimento vem, conrito, sentar-se à beira da interminável noite, e torna a imagem condoída da satidade.

Já a ameaça do Inverno pôs a farandolar as folhas mortas, parecendo bailar ao som do rabeção do vento a dança da morte. Nas áleas dos cemitérios essa macia folhagem abafa os passos dos vivos — cômplice do silêncio religioso que guarda a mansão dos mortos. Mas as sepulturas enchem-se de crisântemos, e a terra de repouso onde todos os homens se igualam é como que um prado florido de evocação: cada campa dir-se-ia embalar um sono de flores...

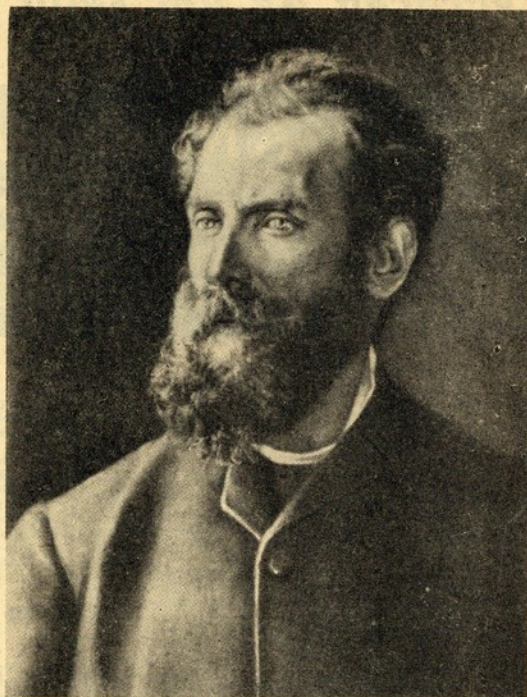
Depressa se esquecem os mortos. Justo é relembra-los, nestas brumosas Dias de Finados, os grandes nomes que iluminam ainda com a imorredoura chama do génio e do heroísmo, o signo da raça. Sobretudo, dois minutos de silêncio por aqueles altos espíritos cuja sensibilidade e inteligência vibraram na exaltação duma vida superior, e que a fatalidade entregou à morte num momento de sublime renúncia. A última folha do livro do destino desses mortos ilustres chama-se posteridade. O culto de admiração pelo valor da obra deles é precioso legado, mas junte-se à homenagem que merecem o respeito pela tragédia do minuto final.

Foi a morte a grande pacificadora cujo regaço procuraram como refúgio para o desespero do seu drama íntimo.

Recordemos o suicida torturado de S. Miguel de Seide, o maior romancista da língua, que foi o maior linguista do romance. O mago das «Noites de Insónia», que afrontara as maiores dores morais:

*A máxima coragem na tortura  
é sorrir, é sorrir, fingir ventura,  
e ser maior que a dor, calca-la aos pés.*

estava cego. Esse genial verbo de inimitável fluência e de originalidade fascinadora, que ao cabo duma vida em que o sonho, a aventura e o drama nas mais vividas expressões orgamassaram uma biografia de herói, buscou no ponto final duma bala de pistola a culminância serena... Nunca um homem de tão raro e fecundo talento sentiu de forma tão cruel a pungentíssima crispção da dor, o inenarrável martírio de sentir que a luz do seu espírito era a pulsação forte e vibrátil duma inteligência vivíssima, e que a luz dos seus olhos amortecia no lento suplício duma morte honrosa que só a alma vê... O suicídio de Camilo foi uma evasão, um grito libertador. Talvez a morte



ANTERO DO QUENTAL

tivesse pôsto um beijo de luz na treva que o afundava. A legião desses vultos nimba-se duma claridade de apoteose. Olhem de frente essa luz que a eternidade reflecte.

Este chama-se Mousinho. Não quer a imortalidade que seque na fronte altiva do herói os louros da epopeia de África. O capitão intrépido que se batera de peito a descoberto com a espada dum gentil-homem, o mosqueteiro audaz em cuja bravura revivia a época aventurosa da cavalaria, suicida-se num trem de praça.

Aquêle é Antero, o filósofo que pediu à fé o orgulho dum vencido. O maior idealista dos poetas, sentiu que não era deste mundo o sonho que iluminou uma existência sacrificada à idéia duma humanidade melhor. Todos os sistemas filosóficos não saciaram essa sede invencível. Foi preciso que a foqueira desse crânio de pensador sentisse o frio dum cano de revólver para que a boníssima alma do grande vencido da vida bebese na taça da morte a tranquilidade do seu coração de visionário. Este outro é Júlio César Machado, o romancista dos «Noivos», o cronista de «Do Chiado a Venesa» e da «Vida Alegre». O suicídio do filho alucinou o escritor, e vão fazer agora, a 13 de Novembro, cinquenta e quatro anos que, no prédio da rua do Salitre, onde nasceu André Brun, o autor dos «Contos ao Luar» se suicidou golpeando profundamente os pulsos com uma navalha.

O cortejo é longo. Desfilam mais sombras nestes dois minutos de silêncio. Aquêle que caiu varado por uma bala de revólver é Soares dos Reis, o génio da estatuaría, nome de projecção universal, figura tão grande na sua obra de artista como na sua tragédia. Este ainda é Jorge de San Basílio, o mais nobre exemplo de dedicação por uma profissão, o jornalista que amou entranhadamente a vida, e a quem a vida traiu com a cilada do suicídio.

Amantes da morte, ela os acolheu no generoso seio. O silêncio, a solidão e a paz, vigiam-lhe o sono perpétuo, longe do egoísmo, da incompreensão e da indiferença que intranquilizam os vivos. Mas os mortos vivem por este paradoxo: é o tempo que os desfaz, e é o tempo que os conserva. A voracidade da terra consome-os na actividade incessante da sua química, mas a nossa memória não deixa que se apague o nome que tiveram e a obra que produziram. A obra dos grandes homens é indestrutível como a sua alma. Mantem-se imperecível como chama indiferente aos ventos deste enorme remoinho que é o mundo. Passam as gerações e as sucessivas tempestades da vida acumulam sobre os mortos esquecidos o pó desta batalha de cada instante.

Vem aí o dois de Novembro. Dia dos Mortos. Quando êle chegar, dois minutos apenas. Desentulhemos da poeira do esquecimento os nossos mortos.

JORGE RAMOS



# Evocação de um feito dos Ares

## HA 9 ANOS PARTIU PARA TIMOR UM AVIÃO MILITAR PORTUGUÊS



Humberto da Cruz

Na amplidão do céu, o avião militar n.º 30, escoltado pelos «Vickers», toma altura e desaparece banhado pelo sol que até Timor há-de iluminar-lhe a rota, dia a dia...

### QUANDO VOAMOS NO «DILLY»

Nunca mais esqueçamos a manhã da descolagem do avião militar n.º 30 para Timor, nem do primeiro aniversário daquele notável voo.

De facto, se o dia 25 de Outubro nos há-de falar sempre do belo instante em que vimos confirmadas todas as afirmações que o tenente Humberto da Cruz nos fizera em Março desse mesmo ano, com destino a um diário da tarde, a mesma data, voltado um ano, há-de lembrar-nos sempre esse pequeno voo de meia hora que o heróico aviador nos proporcionou no mesmo campo da Amadora e quando nêle se reuniam algumas das pessoas que tinham sido, como nós, um ano antes, testemunhas da partida do «Dilly» para a jornada célebre.

— Você quer voar no «Dilly»? — dizia-nos o tenente Humberto da Cruz nessa tarde imensamente agreste e de sol doentio.

— Obrigado; deve haver muita «pancadaria» lá em cima!

— Não pense nisso; o «Dilly» está habituado à borrasca; venha, venha daí!

Momentos depois o aparelho corria ligeiro e elevava-se, ultrapassando, numa ascensão rápida, os metálicos e gigantescos moinhos da «vila dos aviadores»...

O horizonte estava manchado de nuvens, e o sol, tímido, aparecia de quando em quando a doirar o casario disperso sob aquelas asas gloriosas e conquistadoras.

Lisboa — a bela cidade de granito — surgia pouco depois salpicada de jardins e orgulhos da seu rio de prata — espelho monumental a reflectir maravilhas...

Mas, verdadeiramente, o que vimos sob as asas vermelhas do «Dilly» — a um tempo frágeis e fortes — não era a legendária Torre de Belém com a sua guarda de honra de velas desfraldadas ao vento, nem a encosta ampla e fria do Monsanto, nem as torres negras da Sé viradas ao céu, mas a hora histórica da aventura incomparável, as florestas odorosas numa extensão interminável, o deserto ardente e aborrecido, isento de vida, o mar revoltado e largo num sussurrar cavado e, por fim, as muralhas das fortalezas de Portugal na Índia, gritantes de História esplendorosa e sempre viva.

O «Dilly» retalha as nuvens numa marcha que deve ser veloz mas que nos parece branda, e a visão alarga-se e conduz-nos ao verde-negro de Timor, num deslumbramento de apoteose que toca o coração e faz vibrar os nervos.

Afinal, também nós tínhamos chegado aos céus timorenses voando a 1.300 metros de altitude, batidos em cheio pela borrasca mas, infelizmente, não passando de Lisboa...

### HOJE, O MAJOR HUMBERTO DA CRUZ DIZ-NOS...

Este punhado de memórias nunca ficaria completo sem duas palavras do heróico comandante do avião que percorreu 42.670 quilómetros plenos de triunfo.

Procurámo-lo, e foi no Rossio que encontramos esse ilustre oficial, afável como sempre e como sempre disposto ao sacrifício.

— Ainda se lembra da viagem do «Dilly»? — preguntámos.

O major Humberto da Cruz responde de pronto e com uma certa emoção:

— Eu recordo com saúde o meu mecânico e o meu avião, os meus companheiros de um voo honesto. Procuro não esquecer o voo a Timor! Procuro não esquecer tudo quanto se passou e a razão que me lançou nesse voo: imperiosa tentativa da aeronáutica portuguesa, que sempre procurei servir com honestidade e brio.

Eis, a nove anos de distância, o que o major aviador Humberto da Cruz pensa do seu próprio voo a Timor — magnífica página da aviação nacional que o tempo não apagará.

MARIO DA COSTA PINTO

O crald» Lisboa-Rio de Janeiro realizado em 1922 no «Lusitânia», inscreveu uma página brilhante no livro de ouro da aviação portuguesa e ditou leis para o futuro aeronáutico.

Mais tarde tivemos o «raial» a Macau no «Pátria», em 1924; a Bolema, em 1925, no «Santa Filomena»; outra vez ao Brasil, no «Argos», em 1927; a Moçambique em dois aviões «Vickers»; à Índia, no «Mário», em 1930; e depois à Guiné e Angola com regresso também pelo ar no «Jorge de Castilhos», em 1931.

Restava o grande voo Lisboa-Timor, que também poderia ser: Lisboa-Timor-Macau-Índia-Lisboa.

O tenente Humberto da Cruz interessou-se pela sua realização, levando-o a efeito em 1934. Porque acompanhámos desde o primeiro dia os trabalhos preparatórios, e porque então não fugimos a fazer propaganda do voo nos jornais em que nessa altura trabalhávamos, auxiliando, assim, de alguma forma, a acção que foi necessário desenvolver para que o voo não ficasse apenas pertencendo ao capítulo das belas idéias que morrem por falta de apoio e aqui lembramo-nos de certa individualidade bem conhecida que nos deu um bilhete para um festival a favor da compra do avião com a justificação que o seu vencimento não comportava despesas daquela ordem: tratava-se de 7850), sentimo-nos bem, a nove anos de distância, recordar esses dias de nervosismo que foram uma luta contra a maré...

Assistimos ao nascimento da ideia e à sua consumação; para reviver essa luminosa página da aeronáutica portuguesa há que voltar para trás nove anos ao encontro do tenente Humberto da Cruz...

### UM ENCONTRO OPORTUNO...

1934. Março. Quinta-feira Santa. O sol cai a pino, causticando as gentes que visitam as igrejas.

Fatos negros, mulheres desatamboradas, passinhos miúdos cruzando o Chiado...

Invadim as ruas brigadas de jornalistas colhendo aspectos desta hora que recorda o drama do Nazareno.

A comemoração vem de há séculos, mas todos os anos é moda e inunda as almas de piedade imensa. Este ano, porém, o caso do dia é outro.

Há um herói dos ares que está prestes a desembarcar no Rossio de regresso da legendária Índia, e outro que prepara as asas na miragem de Timor. O primeiro, é Carlos Bleck, aviador civil arrojado, o desportista n.º 1 entre os primeiros; o segundo, é o tenente Humberto da Cruz, aviador com um passado brilhante e que continua debruçado sobre o mapa do Império traçando novas estradas aéreas que há-de vencer num futuro próximo.

Interessa-me encontrar os dois cavaleiros do ar neste dia que reúne as asas portuguesas numa estação ferroviária, tanto mais que o grande assunto deste momento é a próxima viagem a Timor, ideia lançada há um mês.

5.45. Na «gare», já habituado de há muito ao alvoroço das chegadas, formou-se um grupo que parece um bando de águias.

Uma nobre figura de marinheiro que fala esplendidamente das campanhas do sul de Angola — o bravo almirante Afonso Cerqueira, aviador-naval — conversa animadamente com outro bravo: o tenente Humberto da Cruz. Não mais perdemos de vista o piloto que se propõe levar a Timor um avião da aeronáutica portuguesa; a ideia da entrevista assalta-nos e sacode-nos como uma vergastada.

Passado o instante da apoteose, arriscamos a primeira interrogação:

- Quando tenciona iniciar o seu voo?
- Não pode ser antes de Setembro.
- Tenciona ir só?
- Gostava de levar um mecânico, o que tornaria a viagem muito mais interessante.
- O avião a empregar será?
- Depende exclusivamente do montante que a subscrição alcançar, mas um bi-motor seria o ideal; não podendo ser, irei naquele que o «fundo» para o voo permitir.
- Como pôs a sua ideia em marcha?
- Com o auxílio da imprensa. Queri fazer uma viagem acentuadamente nacionalista, inteiramente de acordo com o espírito patriótico dos portugueses. Todo o dinheiro que conseguir para o meu voo será depositado numa repartição oficial, e depois de utilizado, as contas serão saldadas e apresentadas à Nação.
- Qual a zona que se lhe afigura mais perigosa no caminho de Timor?
- A Síria, o deserto da Arábia, as florestas do norte da Índia e as regiões açoladas pelas emções e ciclones que se levantam inesperadamente.
- Certamente que vai ser bem acolhido em todo o lado...

— Assim o espero. Não faz ideia as vezes sem conto que observei um enorme interesse em volta do nosso avião quando fui com o Bleck à África. O indígena acorria interessado e dominado. Vi portugueses chorar de emoção. «Com Deus. Pela Pátria», foi a divisa do nosso aparelho. Este que levar a Timor há-de ter uma divisa que não seja óca... que diga alguma coisa também. Irei a Timor se o povo português me ajudar, e depois de mim que vá outro, que haja sempre um aviador português no caminho de Timor como há sempre um piloto inglês no caminho da Austrália...

### E O AVIÃO MILITAR N.º 30 DESCOLOU PARA TIMOR

Sete meses depois, contados dia a dia, dealbava enevoadia a manhã de 25 de Outubro marcada para início do grande voo.

Na pista da Amadora — esse saudável campo de aviação que viveu algumas das mais rutilantes páginas da nossa aeronáutica — um frágil avião «Havilland» atestado de óleo e gasolina recebia os cuidados do seu mecânico, o desventurado Gonçalves Lobato, que seria o dedicado companheiro do bravo tenente Humberto da Cruz, e que assim via satisfeita uma das suas aspirações: «Gostava de levar um mecânico».

6 horas. Já com o sol a romper desesperadamente por entre a bruma teimosa e orvalhenta, vemos reunida perto dos «hangars» uma multidão de curiosos por vezes fustilada pelos faróis dos carros que passam ligeiros na estrada de Lisboa.

Uma nova manhã de celebridade desponta para a História incomparável da aviação nacional. Todos os que assistem àquê, amanhecer que semeia saúdes nas almas e nos corações — sentem que alguma coisa lhes fica para sempre agarrada à vida: é a recordação desse instante de expectativa que um feito heróico há-de tornar eterno.

O nervosismo cresce, invade todos. A hora da descolagem chegara, tudo está a postos; o próprio avião parece ansioso de vencer distâncias.

Três aviões «Vickers» sobrevoam já a tranqüila vila da Amadora, que acordou mais cedo...

Trocaram-se abraços, falcam magnésios na recolha de «cliques»...

O «30», que em Timor há-de receber o nome de «Dilly», entoa o seu himno metálico e arranca num bater de asas que é uma ansiedade, a caminho da nossa mais longínqua possessão.

O relógio do Grupo de Esquadrilhas de Aviação «República» marca 6 horas e 40, e em todo o redor do campo um agitar de lenços traduz uma nítida confiança no êxito do grande voo.





# Actualidades GRÁFICAS



O capitão Quirino Levi de Carvalho (ao centro), comandante do arrastão «Albufeiras», recebendo do sr. George F. Kennan, (à direita), encarregado de negócios americano, a lembrança de um relógio de ouro como prova de reconhecimento pela sua recente acção no salvamento de vários náufragos americanos. Assistindo ao acto, o comandante Kenneth Demarist, adido naval dos Estados Unidos.



Foi festejado, com toda a solenidade, o 50.º aniversário da fundação da Sociedade de Tiro n.º 2. No clichê, o representante do sr. Presidente da República presidindo à respectiva sessão comemorativa.



Foi há dias eleita a nova direcção do Sport Lisboa e Benfica, o mais popular dos nossos clubes desportivos. O acto da posse, vendo-se o actual presidente da direcção, dr. Augusto da Fonseca, junto de alguns dos actuais e antigos directores.

## A missão cultural do Dr. Paulo Duarte

(Conclusão da página 14)

e cheias de egoísmo — invenção dos homens e não de Deus — que me obrigam a ter passaporte diferente e me obrigam a declarar nas alfândegas e nas polícias que eu sou diferente daqueles dos quais me julgo igualzinho...

Não insistimos nem discutimos. É preciso terminar a entrevista:

— Tem encontrado facilidades e compensação para a sua missão?

— Tenho encontrado as mais amplas facilidades, que aliás sempre me foram abertas pelos amigos que possuo aqui, e aquelas que me têm proporcionado os intelectuais com quem tenho tido contacto. Quanto à segunda parte, só posso contar com duas compensações: a de bem servir a instituição que me enviou até cá e a de contribuir um pouco para que Portugal se torne conhecido nos Estados Unidos, através da sua verdadeira inteligência.

A última pergunta:

— Que tempo tenciona demorar-se entre nós?

— A princípio, pensei em ficar três meses. Mas vejo que é impossível obter os dados necessários ao meu estudo — inclusive documentos e gravuras que serão expostos no Museum of Modern Art — em tão exíguo tempo. Pretendo assim ir à Espanha, voltar e permanecer o tempo necessário para esse trabalho. Creio porém que a estadia não será tão longa como a que desejara permanecer neste encantador recanto dessa nossa infeliz pátria terrestre...

A entrevista terminara. O leitor por ela ficou a conhecer, com certeza, muita coisa que ignorava. Agora, já sabe que, daqui a meses, quando o dr. Paulo Duarte levar as suas malas cheias de bom material e o dispuser nos arquivos do Museum of Modern Art, o mundo terá à disposição os melhores elementos de conhecimento do nosso país. Um senhor realizador de filmes, por exemplo, poderia chegar e pedir:

— Deixe-me ver daí um filme que me mostre as danças dos pauliteiros portugueses. E quero também ver um documentário em que apareça el-rei D. Carlos. Estamos a fazer um filme histórico e precisamos de elementos sérios de reconstituição...

Os filmes passam, o realizador paga para ver e se quiser levar uma cópia — volta a pagar.

Não é difícil de compreender quanto beneficiaremos da acção do Museum of Modern Art, não é verdade?



Na sua residência, à avenida Duque de Loulé, o sr. e a sr.ª Leonel Roulet ofereceram, há dias, um «Pórtio de honras à Imprensa e a pessoas da sua amizade». O sr. Leonel Roulet, que é um dos melhores elementos da revista de cultura luso-francesa «Afinidades», que passa a publicar-se em Lisboa, foi, como sua esposa, cultivante para os seus convidados.



a. 22/p



Esta foto constitui, sem dúvida, um documento para a história da acção da Itália na guerra actual. Depois da capitulação que o armistício de Siracusa representou, o grande país latino, sob o mando do marechal Badoglio, juntou o seu esforço militar ao dos exércitos anglo-americanos para expulsar os alemães do seu território continental. Dêste acôrdo, que a História explicará a seu tempo, resultou a Itália ser presentemente considerada como co-beligerante entre as Nações Unidas. Este «clichê» mostra-nos a marechal Badoglio a bordo do «Nelson», ao lado do general Eisenhower, o chefe militar americano que detém nas suas mãos fortes de chefe militar o comando supremo dos exércitos aliados que combatem os alemães na vasta «frente» sul da chamada «fortaleza europeia».